

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

JULIANA TEIXEIRA SOSTER

**O PROFISSIONAL DE LETRAS ATUANTE EM AULAS PRIVADAS DE INGLÊS:
o conceito de *teacherpreneur* e as competências necessárias para um fazer
pedagógico transformador**

**São Leopoldo
2021**

JULIANA TEIXEIRA SOSTER

**O PROFISSIONAL DE LETRAS ATUANTE EM AULAS PRIVADAS DE INGLÊS:
o conceito de *teacherpreneur* e as competências necessárias para um fazer
pedagógico transformador**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras - Inglês, pelo Curso de Letras -
Inglês da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos (UNISINOS)

Orientador(a): Dra. Graziela Hoerbe Andrighetti

São Leopoldo

2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esse trabalho agradecendo aos meus pais, Fatima da Costa Teixeira e Romeu Soster, que sempre acreditaram que a educação é transformadora e me incentivaram a seguir os meus sonhos sempre. Agradeço ao apoio que tive desde a infância até hoje, que, com certeza, fez diferença não só no desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (um período tão desafiador), mas na minha vida.

Também agradeço às minhas irmãs, Cristiane Texeira Soster e Gabriela Texeira Soster, por me inspirarem e por sempre estarem dispostas a me ajudar quando eu precisei.

Agradeço também a todos os meus amigos que trilharam a minha jornada comigo, compartilhando momentos de felicidade, de tristeza, de apreensão, de estresse e de diversão. Obrigada por todo amor e incentivo incondicional.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores que fizeram de mim quem eu sou. Uma pessoa não é ninguém sem um professor, e espero ser para meus alunos um pouco do que os meus professores são para mim, sinônimo de dedicação, afeto, admiração e cuidado.

Também gostaria de agradecer aos professores e alunos que participaram dessa pesquisa. Obrigada pela contribuição e pelo tempo que dedicaram a um projeto tão importante para mim.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a minha orientadora, Graziela Hoerbe Andrighetti. Os suportes acadêmico e emocional ao longo desta jornada de escrita e pesquisa foram essenciais para a conclusão desse trabalho.

Me movo como educador porque, primeiro, me
movo como gente.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender e refletir sobre as competências necessárias a um profissional de Letras que atue no segmento de aulas privadas de línguas adicionais, em específico, de inglês. Para dar conta do objetivo deste trabalho, apresento conceitos relacionados ao ensino de língua adicional que, no escopo dessa pesquisa, volta-se ao ensino de inglês e à definição do professor empreendedor na atualidade, bem como a sua atuação no mundo digital (Lafford e Ramírez (2018), Gómez (2016), Berry, Byrd, Wiede, (2013), Schlatter e Garcez (2009), Crystal (2003), Nóbrega (2016)). Com o intuito de verificar como graduandos e graduados em Letras que atuam nesse meio percebem seus fazeres profissionais e que habilidades e competências consideram necessárias para um profissional de Letras que atua ou quer atuar no segmento de aulas privadas de língua adicional, seis professores e dois alunos de aulas privadas de inglês foram entrevistados a partir de questionários semiestruturados. Os resultados apontam que um professor empreendedor que deseja atuar de forma autônoma na seara de aulas privadas de inglês precisa adquirir diversas habilidades que dialogam entre si, como habilidades linguísticas, de gestão e habilidades digitais, além de correlacionar todas as habilidades necessárias para gerir suas aulas e seu negócio.

Palavras-chave: ensino/aprendizagem de inglês como LA; professor empreendedor; teacherpreneur; ensino de Inglês em contexto de aulas privadas; língua adicional.

ABSTRACT

This study aims to understand and reflect on the skills needed by a Letras professional who works in the segment of private classes of additional languages, specifically, English. To determine the objective of this work, I present concepts related to teaching an additional language which, in the scope of this research, is focused on teaching English, and the definition of the entrepreneurial teacher today, as well as their role in the digital world (Lafford and Ramírez (2018), Gómez (2016), Berry, Byrd, Wiede, (2013), Schlatter and Garcez (2009), Crystal (2003), Nóbrega (2016). In order to verify how undergraduates and graduates in Letras who work in this environment perceive their professional practices and what skills and competences they consider necessary for a Letras professional who works or wants to work in the segment of private additional language classes, six entrepreneurial teachers and two students from private English classes were interviewed using semi-structured questionnaires. The results show that an entrepreneurial teacher who wants to act autonomously in the field of private English classes needs to acquire many skills that interact with each other, such as linguistic skills, management and digital skills, and also to be able to correlate all the necessary skills to manage their classes and their business.

Keywords: teaching/learning English as an AL; entrepreneurial teacher; teacherpreneur; teaching English in the context of private lessons; additional language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características frequentemente atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas	23
Figura 2 – Infográfico: <i>Direcionadores para auxiliar profissionais da área de Letras que atuem ou queiram atuar no segmento de aulas privadas de inglês como língua adicional</i>	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre os professores participantes da pesquisa	34
Quadro 2 - Informações sobre os alunos participantes da pesquisa	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 O professor de inglês como um possibilitador: o que o ensino de inglês como LA tem a ver com isso?	13
2.1.1 Afinal, para que serve saber definir o que é ensinar inglês (ou qualquer outra língua adicional?).....	13
2.1.2 O que são as competências para o século XXI e por que o professor de LA deve saber dialogar com elas?	16
2.1.3 Como as abordagens de ensino de inglês se modificaram ao longo do tempo e qual é a importância de discutir sobre elas?	19
2.2 O professor de inglês como empreendedor: ampliando possibilidades	22
2.2.1 O que são professores empreendedores?	22
2.2.2 O profissional de letras em suas atuações no mundo digital	26
3 METODOLOGIA	30
3.1 A Geração de Dados	31
3.2 Os Professores	33
3.3 Os Alunos	34
3.4 A Análise dos Dados	35
4 ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1 “Pra gente não sair por aí pregando alguns preconceitos e traumatizando”	36
4.2 “Ensinar uma língua adicional é tu auxiliar outra pessoa a existir no mundo em outro idioma”	43
4.3 “Eu tento mudar o meu algoritmo para coisas que me beneficiam”	48
4.4 “Quando comecei a me considerar empreendedora eu já empreendia há 3 anos”	54
4.5 “É tudo eu, né?”	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Comecei a minha trajetória com a língua inglesa cedo, aos 5 anos de idade. Lembro claramente das minhas aulas de inglês na escola e, também, da primeira palavra que aprendi em inglês, *watermelon*. Durante toda a minha trajetória escolar, estudei em uma escola particular que oferecia línguas adicionais, e, por isso, tive contato com o inglês desde a infância. Aos 17 anos, me mudei para a Irlanda, onde tive a oportunidade de aperfeiçoar as minhas habilidades e de conhecer mais sobre aspectos culturais da língua.

Ao voltar da Irlanda, comecei a lecionar inglês em uma escola de idiomas. Até aquele momento, eu não tinha a pretensão de seguir uma carreira como professora de língua adicional, mas, a partir das experiências lecionando naquela escola, me descobri apaixonada pelo ensino.

Entrei na faculdade de Letras em 2017 com o objetivo de aprender mais sobre educação, e, logo no primeiro ano do curso, percebi que aprenderia para além disso. Descobri conceitos e quebrei preconceitos que eu não pensava que tivesse. Essas aprendizagens foram essenciais para a minha evolução enquanto professora. Um exemplo claro foi quando comecei a refletir sobre entendimentos acerca do que é ser proficiente ao usar uma língua adicional, e o quanto isso não tem relação com falar uma língua perfeitamente, mas sim com conseguir se comunicar de maneira efetiva em determinadas situações de comunicação. Acredito que ter me aprofundado em conhecimentos técnicos específicos da área de Letras, para além de me trazer mais confiança enquanto profissional, fez com que eu transmitisse mais confiança para meus alunos, convidando-os a perceber a língua adicional também como um elo para realizar diversas ações e a significar entendimentos sobre o que é ser bilíngue.

O curso de Letras foi essencial para que as aulas que eu planejo atualmente sejam bem elaboradas, já que foi nele que aprendi sobre os fazeres pedagógicos e sobre a importância de alinhar os objetivos dos alunos com os objetivos das aulas. Hoje, após seis anos lecionando e já chegando ao final de minha trajetória no curso de Letras, percebo o quanto as leituras e reflexões proporcionadas ao longo desses anos de estudo me permitiram ser uma profissional da área mais competente e comprometida com uma educação transformadora. Ao longo dessa trajetória, pude entender a educação transformadora como aquela que centraliza o aluno no

processo de aprendizagem e que tem como objetivo principal a transformação da vida desse aluno. Como definido pelo portal SM Educação:

A educação transformadora realça as complexidades do processo de ensino-aprendizagem, ao considerar fatores como a realidade do aluno e o contexto de vida social, cultural e político. A transmissão de conteúdo deixa de ser o objetivo central do aprendizado, que passa a ser o desenvolvimento de habilidades e competências do estudante. (SM EDUCAÇÃO, não datado)

Contribuindo para essa ideia, Freire (1979, p. 84) reflete que "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo". Destacando ainda mais o papel do educador como um facilitador no processo de entendimento do aluno como parte da sociedade.

Foi também durante minha trajetória enquanto graduanda do curso de Letras que passei a refletir sobre outros aspectos da minha vida profissional. Como muitas pessoas me procuravam buscando aulas particulares de inglês, resolvi dar mais um passo e sair do meu emprego para me dedicar exclusivamente a essa seara de aulas particulares. Na época, embora já gerenciasse uma agenda de alunos, não percebia com tanta clareza esse segmento de atuação como algo empreendedor e como um nicho de mercado. Comecei a dar aulas particulares sem muito planejamento pedagógico e estratégico, sem mensurar a importância de outras competências relacionadas à organização de agendas e a finanças envolvidas nesse fazer profissional. As necessidades impostas pelo cotidiano profissional foram me conduzindo a buscar esses conhecimentos e de aprender habilidades para gerenciar um negócio, para comunicar um pouco mais sobre ele, para gerir o tempo e a agenda profissional e para um olhar com foco no planejamento de aulas desenhadas para esse público específico para o qual passei a ensinar língua adicional.

Para mim, foi difícil assumir que eu estava, de fato, empreendendo profissionalmente e, no meu caso, acredito que isso se deva ao fato de eu não acreditar que teria potencial de inovar em algo, condições de gerir um negócio e, também, por não ter parado para refletir sobre o ensino de inglês em contextos de aulas privadas como uma área a se investir como um negócio profissional.

Com o tempo, passei a observar o trabalho realizado por alguns colegas graduandos e egressos de cursos de Letras neste ramo da educação voltado a aulas particulares de inglês. Com isso comecei a buscar compreender mais os meus

fazeres como uma profissional de Letras de forma ampliada que atua com aulas privadas de língua adicional, e a refletir sobre competências necessárias para essa atuação profissional.

Em 2020, a pandemia de coronavírus atingiu o mundo de forma inesperada. A economia e a educação entraram em profundas transformações e, como o meu negócio estava relacionado a ambos os segmentos, precisei me reinventar. Embora tenha perdido quase 90% dos meus alunos entre os primeiros meses da pandemia (março a maio de 2020), em novembro de 2020, percebi que a quantidade de alunos tinha aumentado em mais de 100% em relação ao período de janeiro de 2020. Ao mesmo tempo em que via alguns estabelecimentos de ensino, muitos deles voltados a aulas de línguas adicionais, fecharem as portas, percebia o número de alunos particulares que eu tinha em ascensão. Esse crescimento me levou a refletir sobre possíveis razões para essa procura. Dentre elas, refletir sobre o impacto (e o papel) que a produção de conteúdo digital que passei a fazer em minhas mídias sociais a partir de maio de 2020 poderia ter nesse aumento, gerando mais resultados na procura por aulas.

Percebendo que as pessoas estavam mais tempo em casa durante a pandemia, e considerando a queda do número de alunos que tive nos meses iniciais de 2020, passei a produzir conteúdo digital nas redes sociais com dicas de inglês para aqueles que tinham o desejo de aprender o idioma. No início, não via isso como uma estratégia de marketing, apenas utilizava meu tempo livre para me sentir produtiva, entretanto, após ver que estava recebendo um retorno positivo dos meus seguidores, também comecei a refletir sobre a relevância das competências digitais para profissionais que atuam no meu segmento de educação e que buscam compartilhar dicas de inglês online também como um meio para alcançar públicos.

Essas reflexões me instigaram a pensar ainda mais no quanto o nosso fazer enquanto um profissional de Letras que atua neste segmento de aulas particulares também precisa estar em diálogo com outras áreas, como marketing (nesse caso, marketing digital) e organização financeira, por exemplo, e no quanto competências que dizem respeito a essas áreas se relacionam e se complementam, afinal, se, em um nível micro de aula eu (professor) preciso considerar quem são os alunos, suas demandas e propósitos de aprendizagem para poder traçar decisões pedagógicas; em um nível macro, como empreendedor, também é preciso levar em conta quem são os (possíveis) clientes e em que segmentos atuam para poder oferecer um

serviço a ser prestado, definir estratégias de alcance e captação de novos alunos, por exemplo. Assim, é preciso desenvolver habilidades que ajudem nessa jornada de se entender não apenas como um professor de aulas privadas de idiomas, mas como um profissional de Letras empreendendo numa seara profissional específica.

Levando isso em consideração, o presente trabalho tem como objetivo compreender quais competências são necessárias para um profissional de Letras que queira atuar/atue no segmento de aulas privadas de línguas adicionais (em específico, de inglês como LA).

Para dar conta do objetivo desse trabalho, apresento, no capítulo 2, conceitos relacionados ao ensino de língua adicional que, no escopo dessa pesquisa, volta-se ao ensino de inglês e à definição do professor empreendedor na atualidade, bem como a sua atuação no mundo digital.

Também faz parte do escopo metodológico dessa pesquisa verificar como graduandos e graduados em Letras que atuam nesse meio percebem seus fazeres profissionais e que habilidades e competências consideram necessárias para um profissional de Letras que atua ou quer atuar no segmento de aulas privadas de língua adicional. Para tanto, no capítulo 3 desse trabalho, apresento informações relacionadas às entrevistas realizadas por mim com profissionais e profissionais em formação da área de Letras que atuam com aulas privadas de inglês como língua adicional. Em seguida, apresento as análises que obtive dos dados gerados a partir de entrevistas com esses profissionais que lecionam inglês de forma autônoma em aulas privadas em diálogo com os conceitos teóricos apresentados no capítulo 2, procurando verificar entendimentos sobre competências pedagógicas e empreendedoras necessárias a um profissional que busca atuar nessa área.

Por fim, apresento, a partir das análises, alguns direcionadores com o intuito de contribuir e dialogar com graduandos e profissionais de Letras em constante formação que atuem ou queiram atuar nesse segmento de aulas privadas de línguas adicionais. Finalizo com as minhas considerações finais e com as reflexões que surgiram a partir da realização desta pesquisa

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O professor de inglês como um possibilitador: o que o ensino de inglês como LA tem a ver com isso?

Como mencionado no capítulo introdutório desse trabalho, as leituras e discussões proporcionadas ao longo de minha formação como uma estudante de Letras me permitiram conhecimentos aprofundados sobre fazeres pedagógicos, sobre o papel das línguas como interação em diversas práticas globais, sobre definições acerca do ensino de língua e cultura e sobre a importância de alinhar teorias a práticas de forma situada, sempre considerando para quem se ensina, em que contextos e com quais propósitos. Neste capítulo, busco apresentar aspectos conceituais relacionados a esses pontos com os quais dialogo, refletindo sobre a relevância desses conhecimentos para um profissional das Letras que busca contribuir com a educação.

2.1.1 Afinal, para que serve saber definir o que é ensinar inglês (ou qualquer outra língua adicional?)

É notável que o mundo contemporâneo tem se tornado cada vez mais globalizado e, com isso, tornam-se essenciais as habilidades de dominar línguas adicionais que possibilitem às pessoas se comunicarem, se expressarem, se conectarem. Por uma série de motivos políticos e econômicos, o inglês veio a ser uma dessas línguas de interação global. Segundo Phillipson (1992, p. 1 apud SIQUEIRA, 2015, p. 234), “o império inglês deu lugar ao império do inglês” e, atualmente, de acordo com Crystal (2003), mais de 370 milhões de pessoas falam inglês como língua nativa, e se estima que o número de pessoas que falam inglês como língua adicional seja três vezes maior do que o número de nativos. Crystal (2003) aponta, ainda, que o inglês passará ao *status* de língua global, dados dois motivos principais:

[...] a expansão do poder colonial britânico, que atingiu seu pico no final do século XIX, e o surgimento dos Estados Unidos como a principal potência

econômica do século XX. É o último fator que continua a explicar a posição mundial da língua inglesa hoje (CRYSTAL, 2003, p. 59, tradução nossa)¹.

Para Crystal (2003, p.3, tradução nossa), “uma língua atinge um *status* genuinamente global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em todos os países”², ou seja, não basta apenas ser uma língua falada por muitos nativos, mas sim ser uma língua aceita por pessoas de outros países no mundo. Segundo o autor, para uma língua ser oficialmente global o seu uso não pode ser limitado por fronteiras. Siqueira (2015) contribui para essa ideia ao definir a disseminação da língua inglesa como “incontrolável” e afirma que a internet possui papel fundamental nessa expansão, além disso, o autor acredita que o ensino de língua inglesa ao redor do mundo contribui para o crescimento da língua como língua internacional. Corroborando com essa ideia, Smith (1976, p.38, tradução nossa), define uma língua internacional como “[...] aquela falada por indivíduos de diferentes nações com o objetivo de se comunicar uns com os outros”³.

Para além de terminologias como língua global e língua internacional, tem-se a adoção de termos como língua estrangeira. Em documentos que norteiam a educação, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), há a utilização do termo “língua estrangeira (LE)” para se referirem ao inglês (ou a qualquer outra língua não materna). Já autores como Schlatter e Garcez (2009) nos *Referenciais curriculares do estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias* salientam a nomenclatura de “língua adicional (LA)”, por entenderem que, ao usarmos outras línguas que não apenas as nossas línguas maternas ou de origem, adicionamos conhecimentos que passam a ser pertinentes e necessários para a evolução da língua e da cidadania. Nesse sentido, passam a ser nossas também essas línguas que utilizamos para agir, e que não podem ser necessariamente entendidas como “estrangeiras”, já que esse pensamento compreenderia uma noção de que a língua pertence somente ao outro. Além disso, os autores entendem esse termo como inclusivo para comunidades em que a língua adicional não é a segunda língua, contrastando com autores que nomeiam a língua inglesa como “segunda língua” ou “L2”, isso porque acreditam que, em muitas

1 “[...] the expansion of British colonial power, which peaked towards the end of the nineteenth century, and the emergence of the United States as the leading economic power of the twentieth century. It is the latter factor which continues to explain the world position of the English language today” (CRYSTAL, 2003, p. 59).

2 “A language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country” (CRYSTAL, 2003, p.3).

3 “[...] one which is used by people of different nations to communicate with one another” (SMITH, 1976, p.38).

comunidades, outras línguas estão presentes, como a LIBRAS e as línguas indígenas. Assim, “falar de uma língua adicional em vez de língua estrangeira enfatiza o convite para que os educandos (e os educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade” (SCHLATTER; GARCEZ, 2009, p. 128).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que apresenta um conjunto de aprendizagens essenciais para a Educação Básica, o inglês assume esse caráter de língua franca e, por isso, em seu ensino, é preciso que sejam considerados aspectos relacionados à função social e política que essa língua desempenha nas relações de comunicação.

De acordo com esta visão exposta na BNCC, “a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa” (BRASIL, 2018, p.242), sendo “acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro” (BRASIL, 2018, p.242). Isso significa ampliar o olhar para os repertórios linguísticos e culturais dos sujeitos ao aprenderem e transitarem por meio de línguas em seus fazeres cotidianos dentro de uma perspectiva de mundo globalizado, no qual a noção de território passa também a ser ampliada ao ter acesso a produções orais e escritas do mundo inteiro pelos avanços tecnológicos. Por essa perspectiva, poder olhar para textos do mundo que circulam em inglês e, também, querer/poder fazer “meus próprios textos” circularem pelo mundo possibilita acessar culturas diversas, colocando também essa língua franca como possibilitadora de mais uma dimensão implicada: a interculturalidade. Conforme mencionado na BNCC, isso implica o

reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo (BRASIL, 2018, p. 242).

Para além da BNCC, outros autores como Siqueira e Barros (2013) entendem a definição de língua franca não somente como uma forma de comunicação, mas também como uma maneira de carregar cultura e ideologias:

[...] não podemos deixar de lembrar que esse é também um momento de mundialização dos encontros culturais que possibilitam, além de trocar,

compartilhar e ressignificar crenças, valores, histórias e, claro, línguas (SIQUEIRA; BARROS, 2013, p. 3).

Nessa pesquisa, utilizarei o termo língua adicional (LA) por ser uma expressão que não torna a língua aprendida distante ou pertencente apenas ao outro, assim como a palavra “estrangeira” poderia soar. Além disso, o termo “inglês como língua franca” também será recorrente no presente trabalho, já que, assim como o termo “língua adicional”, ele é utilizado de forma que trata falantes “não nativos” do inglês como pessoas bem-vindas dentro da comunidade de falantes.

Entender o uso da língua inglesa para além do domínio de um código, de regras e de aspectos linguísticos, compreendendo-o sempre de maneira situada, a serviço de práticas sociais que possibilitam indivíduos a existir no mundo a partir desse uso é, sem dúvida, uma competência para o professor de inglês que atua na seara de aulas privadas. Portanto, como professores de LA, devemos nos preparar cada vez mais para entender a língua como uma maneira de agir. Para que possamos preparar nossos alunos, atuais e futuros, para o mundo globalizado, no qual o inglês é uma língua franca, precisamos, como professores, lançar mão de competências específicas, conforme abordarei na seção a seguir.

2.1.2 O que são as competências para o século XXI e por que o professor de LA deve saber dialogar com elas?

A aprendizagem de uma língua está mais relacionada com o quanto o aluno consegue aplicar o que estuda/aprende em sua vida prática do que com o memorizar de uma lista de palavras. Sabendo disso, é possível entender e refletir sobre o porquê estudar uma LA e como essa LA traz impactos reais na vida e no cotidiano das pessoas que a falam. Lafford e Ramírez (2018) falam sobre isso quando dialogam sobre as *transferable skills*, ou habilidades transferíveis, para o século XXI. Sobre elas, dizem:

[...] desenvolver e aperfeiçoar habilidades transferíveis não só aumenta o sucesso ao interagir com indivíduos de diversas origens linguísticas e culturais, mas também permite que o aluno gerencie contextos pessoais e profissionais dentro de sua cultura nativa de forma mais eficaz. Isso muda o foco do ensino de idiomas de um nível de proficiência quase nativa de longo prazo e aparentemente inatingível para um conjunto de habilidades que

pode ser adquirido mais rapidamente e aplicado em um contexto muito mais amplo (LAFFORD; RAMÍREZ, 2018, p. 6, tradução nossa)⁴.

Os autores mencionam muitas competências importantes para o século XXI, entretanto, para o escopo dessa pesquisa, irei dialogar com quatro delas, especificamente.

A primeira refere-se ao pensamento crítico. De acordo com Lafford e Ramírez (2018), o pensamento crítico está relacionado principalmente com a habilidade de resolver problemas desconhecidos de maneira convencional, e de maneira inovadora e empreendedora. Também devemos considerar que, para promover o pensamento crítico em nossos alunos, precisamos desenvolver essa habilidade em nós, como professores de língua, o que muitas vezes pode ser desafiador. O pensamento crítico é relevante, pois com base nele é que conseguimos desenvolver outras competências, como a segunda que irei abordar: a adaptabilidade. Lafford e Ramírez (2018) apontam a adaptabilidade como uma competência que pode ser inata ou adquirida. Podemos ver a adaptabilidade todos os dias em nossa rotina, pois estamos sempre tentando nos adequar ao que a vida nos apresenta. Essa competência é essencial para o dia a dia na sala de aula e, também, para o futuro dos alunos no mercado de trabalho. Um exemplo de uso dessa competência tem nos sido posto nos últimos dois anos, com a pandemia e as mudanças que ela trouxe em nossas relações sociais.

Outra competência importante é a interculturalidade, ainda mais quando falamos sobre LAs. A competência intercultural dialoga diretamente com o conhecer o mundo e com o criar relações com pessoas de outras nacionalidades e com culturas diferentes. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (CERF), documento que estabelece um padrão internacional para descrever as habilidades de uma pessoa em um idioma, indica o significado de interculturalidade e o porquê da sua importância quando falamos sobre língua.

Conhecimento, consciência e compreensão da relação (semelhanças e diferenças distintas) entre o 'mundo de origem' e o 'mundo da comunidade alvo' produzem uma consciência intercultural. Obviamente, é importante notar que a consciência intercultural inclui a consciência da diversidade regional e social em ambos os mundos. Também é enriquecido pela

4 "Developing and honing transferable skills not only increases one's success when interacting with individuals of diverse linguistic and cultural backgrounds, but also allows the learner to manage personal and professional contexts within their native culture more effectively. This shifts the focus of language education from a long-term and seemingly unattainable level of near-native proficiency to a skill set that can be acquired more quickly and applied in a much broader context" (LAFFORD; RAMÍREZ, 2018, p. 6).

consciência de uma gama mais ampla de culturas do que aquelas carregadas pelas L1 e L2 do aluno. Essa consciência mais ampla ajuda a colocar ambas em contexto. Além do conhecimento objetivo, a consciência intercultural abrange a consciência de como cada comunidade se apresenta a partir da perspectiva da outra, muitas vezes na forma de estereótipos nacionais (COUNCIL OF EUROPE, 2001, p.103, tradução nossa)⁵.

Ou seja, podemos apontar a interculturalidade como essencial para a aprendizagem de uma língua adicional e para a percepção de aspectos culturais pertencentes a nossa língua materna, mas que muitas vezes não entendemos como tais.

A quarta competência do século XXI que irei abordar é a colaboração. Os alunos precisam desenvolver aspectos de socialização e de contribuição em um grupo. O aspecto da colaboração se torna mais desafiador quando falamos sobre aulas privadas de inglês, em que os indivíduos que se relacionam são, na maioria das vezes, apenas o aluno e o professor. Entretanto, isso não significa que a colaboração não possa ser desenvolvida com alunos de aulas privadas. Além disso, a colaboração também se faz necessária em nosso trabalho como professores, pois ao colaborarmos com outros profissionais (professores ou não), conseguimos compartilhar e elaborar ideias para práticas educacionais aprimoradas.

Em contextos atuais, sejam eles acadêmicos ou profissionais, competências como pensamento crítico, adaptabilidade, interculturalidade e colaboração parecem ser elementos essenciais para práticas globais que envolvem comunicar o que se faz localmente e inteirar-se do que outras comunidades fazem, buscando o fortalecimento de parcerias e a resolução conjunta de problemas. Percebendo essas como competências necessárias para o século XXI, também as práticas pedagógicas pensadas para o ensino de LA devem estar atreladas à formação de oportunidades para desenvolvê-las, preparando os alunos para situações de interação dentro e fora da sala de aula.

No entanto, como mencionado anteriormente, para desenvolver as competências em nossos alunos, precisamos antes desenvolvê-las em nós, professores de língua adicional, refletindo sobre abordagens pedagógicas que

⁵ «Knowledge, awareness and understanding of the relation (similarities and distinctive differences) between the 'world of origin' and the 'world of the target community' produce an intercultural awareness. It is, of course, important to note that intercultural awareness includes an awareness of regional and social diversity in both worlds. It is also enriched by awareness of a wider range of cultures than those carried by the learner's L1 and L2. This wider awareness helps to place both in context. In addition to objective knowledge, intercultural awareness covers an awareness of how each community appears from the perspective of the other, often in the form of national stereotypes» (COUNCIL OF EUROPE, 2001, p.103)

possibilitem espaços para essas aprendizagens, conforme discuto na seção seguinte.

2.1.3 Como as abordagens de ensino de inglês se modificaram ao longo do tempo e qual é a importância de discutir sobre elas?

As abordagens de ensino de línguas adicionais passaram por muitas mudanças ao longo do tempo. Foi na década de 70 que estudiosos começaram a notar que, mesmo alunos tendo conhecimento da forma da língua, não necessariamente conseguiam lançar mão desse conhecimento para comunicar-se em situações cotidianas. Nasce, então, a Abordagem Comunicativa (AC), que, segundo Leffa, partia do princípio de que “a língua era analisada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos” (LEFFA, 1988, p.19).

A partir disso, começamos a pensar práticas pedagógicas que se utilizavam cada vez mais de atividades embasadas em contextos mais reais do cotidiano e o ensino por tarefas tornou-se uma possibilidade para muitos professores que veem o ensino de LA pela perspectiva de práticas sociais. Segundo Andrighetti (2009, p.16), o ensino por tarefas “busca criar situações de comunicação envolvendo um propósito social”, o que faz com que os materiais autênticos sejam utilizados em sala de aula com o objetivo de criar contextos reais e possibilitar o estudo de situações vividas por outras pessoas, empregando o uso da língua em tarefas do dia a dia para solucionar problemas. Quando temos o foco no uso da linguagem como prática social, também temos espaço para desenvolver competências do século XXI, como as mencionadas na seção anterior.

Podemos encontrar amparo para um ensino mais contextualizado de LA também na BNCC, que, ao trazer a reflexão sobre o inglês como língua franca, reforça a necessidade de práticas pedagógicas que convidem os estudantes a utilizarem a língua como meio para expressar as suas opiniões e se posicionar no mundo. No que se refere a isso, a BNCC aponta que “concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores” (BRASIL, 2018, p.242).

Percebemos também que a BNCC foi um grande marco na história da educação no Brasil, essa padronização é importante do ponto de vista de professores do ensino regular, mas também para professores autônomos, já que pode servir como um guia para as aulas sendo também um ponto norteador para pensar nos convites que fazemos a nossos alunos nas aulas de inglês e no quanto essas aulas podem refletir práticas sociais permeadas pelo inglês nas quais esses alunos queiram se engajar.

Muito se discute sobre como o futuro do inglês será e, de fato, muito está mudando de forma acelerada. Crystal (2003) acredita na existência de “New Englishes”, ou “Novos Ingleses” em tradução livre, que surgem da influência de outras línguas no inglês, algo que já pode se notar atualmente, mas que, de acordo com o linguista, irá crescer cada vez mais no futuro. A tendência, portanto, é que cada vez mais a sala de aula de ensino de LA seja mais diversa e plural, com variedade linguística, respeito ao aluno, aos repertórios que constrói e ao seu processo de aprendizagem.

Podemos dizer, então, que muito já se avançou em relação às concepções mais tradicionais de ensino, que são bastante focadas apenas em aspectos linguísticos de forma descontextualizada. Ao abordarmos a linguagem como prática social, também as práticas de sala de aula propostas pelo professor passam a englobar a visão de que não se fala uma língua de forma “solta”, desprendida de significados construídos localmente, de propósitos e de contextos de interação.

Além disso, ao falarmos sobre tudo o que envolve a língua como prática social, também entendemos o papel que o professor de inglês assume, já que, por ensinar mais do que apenas um código, precisa estar inserido em outros espaços que colaborem para essa construção de língua como ação social. Sobre isso, Siqueira reflete sobre os entendimentos de Moita Lopes e Gee:

[...] o professor de inglês está tão crucialmente posicionado na nova ordem mundial que a ele restam dois caminhos principais: ou colabora com sua própria marginalização ao se entender como “professor de língua” sem nenhuma conexão com questões políticas e sociais, ou percebe que, por trabalhar com linguagem, está centralmente envolvido com a vida política e social. (MOITA LOPES, 2003; GEE, 1994 apud SIQUEIRA, 2015, p.236)

Conectado com a ideia de inglês como prática social, também podemos perceber o conceito de bilinguismo se modificando com o tempo. Megale (2019)

apresenta a visão de Bloomfield (1935) ao apontar como o entendimento desse termo se transformou desde as suas primeiras aparições:

Bloomfield (1935), um dos primeiros autores a se ocupar dessa questão, corroborando a noção prevalecente no senso comum, definiu o sujeito bilíngue como aquele que teria um controle de duas línguas semelhante ao que teriam, presumidamente, os falantes nativos de cada uma delas (apud MEGALE, 2019, p.16).

Diferentemente do que diz Bloomfield, atualmente ser bilíngue não está conectado com um falar nativo idealizado, pois, quando pensamos na língua como prática social, falar com perfeição se torna sempre algo situado e não apenas relacionado à acurácia linguística, afinal nosso maior objetivo está na comunicação, e a comunicação envolve aspectos linguísticos, discursivos, culturais etc. Portanto, Megale (2019) refletindo sobre Maher (2007), entende que ser bilíngue está no processo que uma pessoa desempenha na construção de duas ou mais línguas (nos casos de multilinguismo).

O bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (MAHER, 2007, p. 73 apud MEGALE, 2019, p.19).

Estes pensamentos apontam para algumas competências relacionadas ao ensino e à aprendizagem de língua que considero cruciais para um professor empreendedor que atua com aulas privadas de línguas adicionais, a saber:

1. Ter conhecimentos linguístico-discursivos na LA, isto é, perceber a língua em diferentes contextos da comunicação e entender o uso da língua adicional para além do domínio de um código, de regras e de aspectos linguísticos, compreendendo-a sempre se maneira situada, a serviço de práticas sociais que possibilitam indivíduos a existir no mundo a partir desse uso é, sem dúvida, uma competência;
2. Ter conhecimentos sobre abordagens pedagógicas e saber definir com qual abordagem irá dialogar em suas práticas pedagógicas;

3. Saber posicionar-se criticamente sobre o que é ser um falante bi/multilíngue e sobre o que é ser proficiente, isto é, entender e propagar conceitos importantes para a percepção do aluno como um falante de uma língua adicional;
4. Ter pensamento crítico, adaptabilidade e capacidade de colaboração e trabalho em rede;
5. Considerar aspectos relacionados à interculturalidade.

2.2 O professor de inglês como empreendedor: ampliando possibilidades

Anteriormente, abordei o papel do inglês como língua franca e de construtos de linguagem que possibilitem oferecer aos alunos práticas de sala de aula voltadas a uma atuação mais plena do cidadão no século XXI, como competências necessárias a professores que queiram atuar ou estejam atuando como professores autônomos em contextos de aulas privadas de línguas adicionais (foco do presente estudo), em específico, de inglês. Nesta seção, irei abordar outras competências que também estão relacionadas aos fazeres desses professores: as competências relacionadas ao empreendedorismo. Para isso, abordarei o conceito de *teacherpreneur*, o papel das redes sociais e a produção de conteúdo digital neste meio.

2.2.1 O que são professores empreendedores?

Muitas definições de empreendedor foram estabelecidas até hoje. Mas, de acordo com o sociólogo Max Weber (1930 apud CARMO, 2011), empreendedores são aqueles que inovam, exercem um papel de liderança nos negócios e nas tomadas de decisão e são independentes. De acordo com reflexões de Carmo (2011) acerca de conceitos elaborados por Filion (1999), acredita-se que características como inovação, criatividade e iniciativa estejam relacionadas a competências empreendedoras, de acordo com o quadro abaixo:

Figura 1 – Características frequentemente atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas

Quadro 2.1: Características frequentemente atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas		
CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS		
Inovação	Otimismo	Tolerância à ambiguidade e à incerteza
Liderança	Orientação para resultados	Iniciativa
Riscos moderados	Flexibilidade	Capacidade de aprendizagem
Independência	Habilidade para conduzir situações	Habilidade na utilização de recursos
Criatividade	Necessidade de realização	Sensibilidade a outros
Energia	Autoconsciência	Agressividade
Tenacidade	Autoconfiança	Tendência a confiar nas pessoas
Originalidade	Envolvimento a longo prazo	Dinheiro como medida de desempenho

Fonte: Fillion (1999, p. 9 apud CARMO, 2011, p. 29)

Em contextos atuais relacionados a educadores, o termo *teacherpreneur* tem ganhado espaço para descrever professores que se veem também empreendendo de alguma forma. Segundo o dicionário Urban Dictionary, podemos definir um *teacherpreneur* (junção dos termos *teacher*, professor, e *entrepreneur*”, empreendedor, em inglês) como um professor que assume “[...] funções de liderança, mas não saem da sala de aula para cargos administrativos (diretor, etc.)⁶” (tradução nossa). Outros autores vão além. Wolpert-Gawron (2015), em reportagem para a revista Edutopia, diz que:

O professor empreendedor mescla a imagem do professor inovador em sala de aula com a capacidade de assumir riscos e a liderança empreendedora que comumente associamos àqueles que criam seu próprio lugar no mundo profissional (WOLPERT-GAWRON, 2015, não paginado, tradução nossa)⁷.

Ou seja, o professor empreendedor, ou *teacherpreneur*, é aquele profissional que assume um papel de liderança e busca oportunidades de negócios ao expandir o olhar para suas práticas profissionais de sala de aula. Barnet Berry (2013) entende que os professores empreendedores são aqueles que acreditam no conhecimento de alto-nível e que, por isso, estão sempre em busca do aprimoramento de seus próprios conhecimentos. Além disso, o autor considera que o trabalho de

6 “[...] leadership roles but do not leave the classroom for administrative positions (principal, etc.)” (URBAN DICTIONARY, não datado).

7 “The teacherpreneur merges the image of the innovative classroom teacher with the risk-taking and entrepreneurial leadership that we commonly associate with those who create their own place in the professional world” (WOLPERT-GAWRON, 2015, p. XX).

teacherpreneur é mais sobre promover inovação na área da educação do que apenas uma forma de renda extra para os professores. Portanto, percebe-se os professores atuantes nessa área como parte importante para o desenvolvimento e progresso da educação, já que buscam não somente criar um novo negócio e se desenvolver dentro dele, mas sim compreender melhor as práticas docentes como um todo. Isso torna o conceito de *teacherpreneur* complexo e extenso, já que, então, para cumprir com todos esses deveres, esse professor assume diversos papéis. Gómez (2016) define esses papéis da seguinte forma:

Segundo a Comissão Europeia (2014) e autores como Barnett, Byrd e Wieder (2013) ou Berry (2011), professores-empresendedores são professores que têm paixão pela docência, que são uma fonte de inspiração, têm a mente aberta e são confiantes de si próprios, que são flexíveis e, ao mesmo tempo, responsáveis, mas também de pessoas que se atrevem a quebrar as regras pré-estabelecidas de vez em quando. São pessoas que sabem ouvir, aproveitar e vender novas ideias, trabalhar com os alunos (sempre direcionando o trabalho para a ação). São excelentes trabalhadores em equipe, com uma importante e extensa rede de contatos profissionais (networking). Não são fechados nas salas de aula, mas sim abertos para fora dela e incluem especialistas no seu trabalho diário em sala de aula, centrando o processo de aprendizagem nas experiências da vida real (apud GÓMEZ, 2016, p.187, tradução nossa)⁸.

Berry, Byrd e Wiede (2013) também falam sobre esses diferentes deveres quando entendem que o conceito de *teacherpreneur* envolve competências financeiras, organizacionais e de gestão, assim como competências relacionadas ao pensamento crítico, à criação de ideias pedagógicas e políticas e à cultura de inovação e criatividade, atribuindo também a versatilidade para assumir essas diferentes funções ao professor empreendedor.

Para nós, a palavra *teacherpreneur* representa o conceito ousado de que os professores podem continuar a ensinar, tendo tempo, espaço e incentivos para incubar grandes ideias pedagógicas e políticas e executá-las no melhor interesse de seus alunos e colegas professores (BERRY; BYRD; WIEDE, 2013, não paginado, tradução nossa)⁹.

⁸ “Según la Comisión Europea (2014) y autores como Barnett, Byrd y Wieder (2013) o Berry (2011), los teacherpreneurs son profesores que poseen una pasión por enseñar, que son fuente de inspiración, que tienen mentalidad abierta y son seguros de sí mismos, que son flexibles y, a la vez, responsables, pero también personas que se atreven a romper de vez en cuando las reglas preestablecidas. Se trata de personas que saben escuchar, aprovechar y vender nuevas ideas, trabajar con el alumnado (siempre orientando su trabajo a la acción). Son grandes jugadores de equipo con una importante y extensa red de contactos profesionales (networking). No se cierran en sus aulas sino que se abren al exterior e incluyen a expertos en su quehacer diario en las aulas, centrando el proceso de aprendizaje en experiencias de la vida real” (apud GÓMEZ, 2016, p.187).

⁹ “For us, the word teacherpreneur represents the bold concept that teachers can continue to teach while having time, space, and incentives to incubate big pedagogical and policy ideas and execute them in the best interests of both their students and their teaching colleagues” (BERRY; BYRD; WIEDE, 2013, não paginado).

Ou seja, um *teacherpreneur* é um profissional que se preocupa com a educação de maneira ampla e está disposto a utilizar a sua sala de aula como espaço para reflexão acerca de tópicos transformadores. Com isso, podemos dizer que não temos o empreendedorismo na educação apenas no sentido de gerenciar alunos e construir uma renda de forma autônoma, e percebemos que empreender nesse sentido não está necessariamente atribuído à abertura de uma empresa, mas sim à contribuição para a inovação na educação, como Arantza Arruti Gómez (2016) afirma quando diz que:

[...] ser empreendedor é mais do que começar um negócio, [...] o empreendedorismo está relacionado principalmente à nossa atitude perante a vida, à forma como fazemos as coisas e à forma como enfrentamos as consequências e os desafios que ela nos apresenta (GÓMEZ, 2016, p.178, tradução nossa)¹⁰.

Ainda, além de compartilhar conhecimentos voltados às suas áreas de atuação dentro da sala de aula, um *teacherpreneur* também pode assumir outros papéis, inclusive ao construir conhecimento de maneira online. No caso do profissional de Letras que trabalha com ensino de LA, pode exercer práticas como as de *youtuber*, pesquisador, com a elaboração de materiais didáticos, em consultorias, em produção de conteúdo digital, entre outras inúmeras possibilidades.

Por fim, estabeleço, para esse trabalho, alguns entendimentos relacionados à definição de *teacherpreneur* que acredito dialogarem com os fazeres de um profissional da área de Letras que atua em segmentos de aulas privadas de LA:

1. Ter pensamento crítico, isto é, ter a habilidade de avaliar e analisar as suas próprias ideias e também as ideias dos outros, assim como contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico em seus alunos;
2. Ser adaptável, isto é, conseguir se moldar em diferentes situações do cotidiano, dentro e fora da sala de aula;
3. Fazer parte da criação de ideias pedagógicas e políticas, isto é, contribuir para a evolução da educação no Brasil e no mundo;

¹⁰ "[...] ser emprendedor/a es algo más que montar un negocio, [...] emprender está principalmente relacionado con nuestra actitud ante la vida, ante la forma de hacer las cosas y ante la manera de enfrentarnos a los retos y desafíos que ésta nos va marcando" (GÓMEZ, 2016, p.178).

4. Ser um professor com pensamento projetual, isto é, apto a planejar sobre o futuro do seu negócio e da sua sala de aula, assim como transformar as suas ideias em objetivos tangíveis;
5. Ter noções de organização e finanças, isto é, lidar com burocracias de um negócio, gerenciando sua agenda e sua renda, por exemplo;
6. Espalhar cultura de inovação e criatividade, isto é, contribuir na vida dos seus alunos, ensinando sobre cultura, resolução de problemas, e conhecimento sobre o mundo;
7. Modificar a visão que a sociedade tem sobre o professor, isto é, contribuir para a evolução da educação gerando transformações que ajudem a quebrar as visões estereotipadas do professor;
8. Buscar o aprimoramento dos seus conhecimentos, isto é, entender a formação e a formação continuada como parte essencial do seu ensinar.

2.2.2 O profissional de letras em suas atuações no mundo digital

Podemos perceber que o entendimento de *teacherpreneur* também dialoga diretamente com o profissional de Letras em suas atuações profissionais no mundo tecnológico, que necessita utilizar as tecnologias digitais como parte essencial de seus trabalhos em muitos contextos de interação.

Quando a Internet chegou no Brasil, por volta de 1988¹¹, não se esperava que pessoas pudessem trabalhar com produção de conteúdo na web. Atualmente, qualquer um pode ser um influenciador em potencial e, se antes as marcas precisavam recorrer a grandes empresas de marketing para divulgarem os seus produtos, hoje um profissional autônomo consegue gerar valor e vender cursos de inglês, por exemplo, na internet com poucas ferramentas.

Neste sentido, utilizamos as redes sociais com diversos propósitos, Santos e Santos (2014) afirmam que:

[...] essas ferramentas possibilitam novas maneiras de participação na/da sociedade, permitindo troca de informações e opiniões, encontros, disponibilização e troca de fotos/arquivos, dicas, namoro, proposta de emprego etc., ou seja, possibilitam novos sistemas de ações (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 308).

11 Segundo https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_no_Brasil. Acesso em 30 out. 2021

Um destes propósitos é, sem dúvida, a educação. A exemplo, temos professores que usam o seu espaço nas redes sociais para ensinar e diversos canais no *Youtube* que se propõem a ensinar inglês gratuitamente para quem tiver acesso à internet. Santos e Santos (2014) refletem sobre o papel das mídias digitais na educação e entendem que:

[...] a estruturação de uma sociedade em redes que se configurou nos convida a produzirmos uma educação pautada e instrumentalizada no conhecimento construído coletivamente. Tal realidade demanda comprometimento com uma educação para a vida, para a existência mais humana, sendo uma das competências dos docentes o saber-fazer-uso dos conteúdos técnico-científico, político, pedagógico e sociais aí dispostos, como pode ser representado pelas redes sociais digitais que fazem parte do cotidiano dos alunos que frequentam a educação formal no atual período (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 321).

Temos, como exemplo deste “saber-fazer-uso dos conteúdos técnico-científico, político, pedagógico e sociais”, influenciadores digitais da educação, a exemplo de Carina Fragozo, professora que começou a produzir conteúdo digital em 2013 na área de ensino de inglês como LA e que atualmente conta com mais de 1 milhão de inscritos em seu canal no *Youtube*, sendo, também autora de cursos e livros sobre a aprendizagem de inglês no Brasil. Em uma entrevista concedida em 2018, Carina fala sobre o alcance do mundo digital na divulgação de seu trabalho e sobre o impacto que as postagens em redes sociais teve em sua carreira como professora empreendedora. Ela afirma que nunca imaginou ter tantas pessoas acompanhando seu trabalho e que aprendeu a criar uma audiência que confia no seu conteúdo e que a segue em seu negócio online.

Nos últimos anos, nota-se um aumento na produção de conteúdo digital por professores autônomos, que agora são aqueles que planejam as suas aulas, ministram as suas aulas, se encarregam da parte burocrática dos seus negócios e que ainda fazem o seu próprio marketing online, envolvendo fazeres e competências em constante diálogo com o mundo digital.

Maria Helena de Nóbrega (2016) discute que cada vez mais precisaremos de profissionais de Letras qualificados no mundo globalizado, já que o mundo em que vivemos hoje ajuda a produzir situações de multilinguismo em que precisamos aprender novas línguas e novas formas de nos comunicarmos a partir da língua, e que as redes sociais desempenham um papel importante nestes novos espaços de comunicação. Segundo Nóbrega:

O mercado nunca foi tão oportuno aos profissionais de Letras como no século XXI. Isso ocorre porque o sistema de produção se baseia em redes que requerem o conhecimento linguístico em todas as suas etapas. Esse contexto multidirecional de informação realça a competência verbal, a produção escrita, a capacidade de ler e escrever (NÓBREGA, 2016, p. 1).

Com essa evolução tecnológica também temos uma potencial evolução de nossos fazeres como profissionais de LA seja ao olhar para as práticas que propomos em sala de aula, fazendo cada vez mais uso dessas tecnologias, ou como um empreendedor desse segmento de aulas privadas de LA, comunicando sobre seus fazeres profissionais online. Por isso, o professor precisa estar cada vez mais preparado para lidar com a modernização do seu ambiente de trabalho. Podemos pensar na pandemia como um exemplo em que o uso das tecnologias digitais (TD) foi implementado na educação repentinamente e a única opção dos professores foi se adaptar à uma nova realidade de ensino. Sobre o uso das TD em sala de aula, Moreira e Schlemmer (2020), discutem a partir do The Onlife Manifesto (FLORIDI, 2015):

(...) as TD e as redes de comunicação não podem ser encaradas como meras ferramentas, instrumento, recurso, apoio, mas forças ambientais que, cada vez mais, afetam a nossa auto-concepção (quem somos), as nossas interações (como socializamos), como ensinamos e como aprendemos, enfim, a nossa concepção de realidade e as nossas interações com a realidade (FLORIDI, 2015 apud MOREIRA, SCHLEMMER, 2020, p. 6).

No contexto de pandemia, as TD ajudaram os professores a ampliar a sala de aula para além dos limites geográficos, proporcionando o acesso à informação e a disseminação da interação para além da sala de aula. Portanto, podemos perceber que, além das habilidades linguísticas e de abordagens de ensino, o professor de hoje necessita ter habilidades tecnológicas, já que, muitas vezes, ensinarão a partir ou com uso das TD e farão uso delas também para comunicar sobre suas aulas e sobre os serviços que prestam.

A maioria das redes sociais não são projetadas para fins educacionais, mas já que lá é onde a maioria dos alunos está, os professores as utilizam como plataformas aliadas. A partir disso, entendemos que professores que utilizam das redes sociais e das TD para o ensino se multiplicam. Esse uso pode se dar dentro da sala de aula, como quando professores utilizam plataformas digitais para ensinar online ou quando utilizam essas ferramentas para criarem práticas específicas com

seus alunos, mas também pode se dar através do marketing digital, quando professores utilizam dessas mídias para promoverem o seu trabalho.

Nesta seção, abordei algumas reflexões sobre o profissional de Letras e sua atuação em um mundo que se faz cada vez mais digital. Aqui, considero relevante mencionar as seguintes competências, que se somam às competências mencionadas já nas seções anteriores para os fazeres de um profissional da área de Letras que atua em segmentos de aulas privadas de LA:

1. Ter competências de letramento digital, isto é, utilizar da tecnologia como uma ferramenta para a educação;
2. Dialogar com marketing digital, isto é, utilizar das redes sociais para promover o seu trabalho, comunicar sobre ele, alcançar novos públicos.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho, busco compreender e refletir sobre as competências necessárias para um profissional da área de Letras que deseja atuar, especificamente, no mercado de aulas particulares de inglês como LA no mundo contemporâneo. Para tanto, além das pesquisas teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, realizei entrevistas com profissionais que já atuam com aulas privadas de inglês, buscando investigar seus entendimentos sobre esse fazer profissional, se o compreendem como relacionado a empreender na educação no contexto de aulas privadas de LA e quais habilidades consideram necessárias para o trabalho que desenvolvem.

Para as entrevistas, realizei momentos de conversa a partir de questionários semiestruturados com os professores que participaram desta pesquisa, Optei também por incluir a voz de alguns alunos de aulas privadas de inglês, considerando que essa inclusão proporcionaria mais uma visão sobre o contexto de aulas privadas de inglês.

Neste capítulo, apresentarei os sujeitos participantes da pesquisa bem como os métodos utilizados para as entrevistas realizadas a partir de questionários semiestruturados. A presente pesquisa possui natureza qualitativa. Sobre pesquisas qualitativas, Flick (2009) diz que:

[...] os critérios centrais da pesquisa qualitativa consistem mais em determinar se as descobertas estão embasadas no material empírico, ou se os métodos foram adequadamente selecionados e aplicados, assim como na relevância das descobertas e na reflexividade dos procedimentos (FLICK, 2009, p.24).

Segundo Mason (2002, p.62), entrevistas são provavelmente o tipo de método mais utilizado em pesquisas qualitativas, isso porque elas podem nos ajudar a entender um tema mais profundamente. Mason também aponta conceitos que considera importantes para entrevistas semiestruturadas e que foram levados em consideração para esse trabalho, como, por exemplo, a importância da troca de diálogos, do contexto relevante e de uma estrutura fluida e flexível. Sendo assim, as interações da minha pesquisa são dadas a partir de entrevistas informais, que buscaram cobrir temas específicos, mas que também possibilitaram a ocorrência de novos tópicos para as conversas. Para isso, os entrevistados foram convidados a

compartilhar suas experiências e a construir conhecimento dos tópicos propostos a partir das perguntas que foram definidas.

3.1 A Geração de Dados

O primeiro contato com os participantes da entrevista foi feito através das redes sociais e, após aceitarem participar da pesquisa, as entrevistas foram agendadas. As reuniões aconteceram de maneira remota, via Zoom, nos meses de agosto e setembro de 2021, e foram gravadas para, posteriormente, serem transcritas, auxiliando a análise dos dados feita em fase posterior a sua geração. As conversas com cada um dos entrevistados tiveram uma duração aproximada de 20 minutos.

As entrevistas ocorreram de maneira semiestruturada, tendo como base a elaboração de perguntas norteadoras para guiar os momentos de interação nas entrevistas. Para os momentos de conversas, busquei seguir a mesma ordem das perguntas para todos os entrevistados, embora outras perguntas tenham sido acrescentadas ao longo da conversa, de acordo com o surgimento dos tópicos, permitindo com que outras questões fossem abordadas além das pré-estabelecidas. Dois questionários semiestruturados foram utilizados para nortear a conversa que tive com os entrevistados, um para os professores e outro para os alunos.

As perguntas feitas aos professores foram divididas em quatro grupos: Ensino de Língua Adicional, Competências empreendedoras no fazer de aulas privadas de inglês como LA, Letramentos digitais e reflexos da Pandemia nas aulas privadas de inglês como LA e Sugestões para profissionais que querem atuar nesse segmento de ensino.

Já o questionário dos alunos, que também foi dividido em quatro grupos, abordava: Aprendizagem de Língua Adicional, O aluno como Consumidor de Conteúdo Digital, Reflexos da Pandemia na Aprendizagem e Sua visão como aluno.

Apresento, a seguir, as perguntas previamente estabelecidas nos dois questionários.

Perguntas aos professores:

Ensino de Língua Adicional:

1. O que é ensinar uma LA para você?
2. Que concepções você tem sobre linguagem e ensino de língua e cultura? O quanto você acha que essas concepções fazem diferença na hora de planejar uma aula?
3. Qual abordagens pedagógicas você utiliza nas suas aulas?
4. Que competências você acha que um profissional que trabalha como um professor autônomo com o ensino de LA precisa ter?
5. De que forma o curso de Letras contribuiu para propiciar o desenvolvimento dessas competências? Como você acha que o curso contribuiu para o trabalho que você desenvolve hoje com aulas privadas de LA?

Competências empreendedoras no fazer de aulas privadas de inglês como LA:

1. O que é empreender na educação para você?
2. Você se considera um empreendedor? Você se vê como um *teacherpreneur*? Comente.
3. Quais habilidades desenvolvidas no curso de Letras te ajudaram a se perceber como um *teacherpreneur*?
4. Que competências você acredita serem fundamentais para um professor empreendedor? Como você as desenvolveu em sua caminhada profissional?
5. Você produz conteúdo digital?
6. Como você acredita que essa produção influencia no seu trabalho?
7. Você se sente ou já se sentiu sozinho no processo de empreender?

Letramentos digitais e reflexos da Pandemia nas aulas privadas de inglês como LA:

1. Você dá aulas online? Acredita que a qualidade do ensino pode diferir em relação às aulas presenciais?
2. Você acha que o seu trabalho mudou com a pandemia? Como?

Sugestões para profissionais que querem atuar nesse segmento de ensino:

1. Quais dicas você daria para um professor que gostaria de começar a atuar com o ensino de LA em contexto de aulas particulares?

Perguntas aos alunos:

Aprendizagem de Língua Adicional:

1. Quais são os seus objetivos com o aprendizado da língua adicional que você estuda?
2. O quanto essas aulas estão alinhadas com os problemas que você tem que resolver no seu dia-a-dia em inglês?
3. Como é o tipo de aula que você gosta de ter? Por quê?
4. Você prefere ter aulas personalizadas para você? Por quê?

Aulas online:

1. Há quanto tempo você faz aulas online? Fale sobre suas experiências como aprendiz de línguas adicionais.
2. Que reflexos a pandemia teve em sua percepção sobre aulas de LA na modalidade online? Por quê?

O Aluno como Consumidor de Conteúdo Digital:

1. Você consome conteúdos de inglês compartilhados por professores nas redes sociais? Você acredita que eles podem influenciar na aprendizagem?

Sua visão como aluno:

1. Como aluno, o que você acha que não pode faltar em uma aula de inglês particular?

3.2 Os Professores

Seis professores participaram dessa pesquisa, sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino, suas idades variam de vinte a vinte e seis anos. Em relação às suas formações acadêmicas e experiência com ensino de inglês, quatro professores são graduandos do curso de Letras e dois já finalizaram o curso, além disso, todos os professores já estão inseridos no ensino de LA há pelo menos um ano.

Os professores foram selecionados com base em alguns critérios, o primeiro é que o trabalho de todos precisaria estar inserido de alguma forma na seara específica desta pesquisa: aulas privadas de inglês como LA. O segundo critério que busquei seguir foi em relação ao tempo em que os entrevistados estavam lecionando de forma autônoma, isso para que a pesquisa considerasse profissionais em diferentes momentos de sua carreira. Além disso, outro critério que foi levado em

consideração foi em relação à graduação, houve um cuidado para que os entrevistados estivessem em diferentes fases acadêmicas, para que pudesse perceber o impacto que a aprendizagem dos conceitos dentro do curso de Letras tem nas concepções de ensino do professor particular.

Todos os professores tiveram os seus nomes alterados para a preservação de suas identidades. Outro ponto importante é que aqui, assumo dois papéis, o de pesquisadora, mas também o de professora particular de LA. Justamente por assumir esses dois papéis, também participei da presente pesquisa. Para tanto, busquei também responder às perguntas norteadoras propostas em meu questionário semiestruturado.

Abaixo, apresento um quadro com informações detalhadas dos professores participantes.

Quadro 1 - Informações sobre os professores participantes da pesquisa

Nome fictício	Idade	Tempo de atuação em aulas privadas	Número de alunos (setembro de 2021)	Segmento que atua	Formação acadêmica
Alice	21 anos	<1 ano	3 alunos	Inglês geral	Graduanda
Janaina	24 anos	4 anos	14 alunos	Inglês geral	Graduanda
Manuela	24 anos	3 anos	9 alunos	Inglês para fins específicos	Graduada
Marina	20 anos	1 ano	7 alunos	Inglês geral e para crianças	Graduanda
Michele	26 anos	6 anos	58 alunos	Inglês geral e para crianças	Graduada
Wesley	25 anos	<1 ano	2 alunos	Inglês geral	Graduando

Fonte: autoria própria

3.3 Os Alunos

Quanto aos alunos, duas pessoas participaram das entrevistas, ambas do sexo feminino e com vinte e um anos. Outro ponto em comum é que as alunas

retomaram os seus estudos de inglês durante a pandemia e, atualmente, têm aulas particulares que são ministradas semanalmente e de maneira remota.

Para a seleção dos alunos, um critério foi levado em consideração: todos precisariam estar estudando no contexto de aulas privadas de inglês no momento da entrevista. Todos os alunos tiveram seus nomes alterados para a preservação de suas identidades. Abaixo apresento um quadro com informações detalhadas dos alunos participantes.

Quadro 2 - Informações sobre os alunos participantes da pesquisa

Nome fictício	Idade	Tempo que estuda inglês	Tempo que estuda inglês de maneira privada	Segmento que atua/estuda
Iara	21 anos	7 anos	<1 ano	Estudante de medicina
Laura	21 anos	4 anos	<1 ano	Consultora de telemarketing e estudante para comissão de bordo

Fonte: autoria própria

3.4 A Análise dos Dados

Após a realização das entrevistas, fiz a transcrição das mesmas. Ao revisitá-las, e considerando o objetivo ao qual essa pesquisa se propôs (compreender quais são as competências necessárias a profissionais de Letras que atuam no segmento de aulas privadas de inglês como LA), selecionei alguns aspectos que se tornaram relevantes para guiar as análises.

O capítulo seguinte, que se volta às análises dos dados gerados, está organizado a partir das seguintes categorias: conhecimentos acerca das abordagens de ensino e uso de linguagem, letramentos digitais e competências empreendedoras.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analiso os dados obtidos ao longo das entrevistas com o intuito de responder aos objetivos desta pesquisa: quais competências são necessárias a um profissional da área de Letras que atua/deseja atuar como profissional autônomo em contexto de aulas privadas de inglês como LA?

Para as análises, considerei aspectos que se tornaram relevantes para mim ao olhar para os dados gerados nas entrevistas, assim como nas reflexões relacionadas à teoria apresentadas no capítulo 2 desse trabalho. As análises a seguir estão organizadas em quatro seções, seguidas de uma seção de pós-análise que busca reunir, de forma multimodal, apontamentos e reflexões a partir dos dados analisados.

4.1 “Pra gente não sair por aí pregando alguns preconceitos e traumatizando”

A aprendizagem de línguas não é apenas a aprendizagem de um novo código, mas também de muitos outros aspectos imbricados a ele, como, por exemplo, aspectos culturais. Ao ser perguntada sobre o que é ensinar uma LA, uma das professoras entrevistadas por mim, Michele, aponta que:

A gente sempre fala que aprender uma língua é também aprender um pouco mais da cultura dessa língua, dos lugares que essa língua é falada, então é ampliar os horizontes dessa pessoa pra que ela possa se comunicar, aqui especificamente com o inglês, né? Que é o foco nosso principalmente, que é uma língua franca, uma língua universal, falada em todos os lugares do mundo, que possibilita inúmeras oportunidades pras pessoas de estudo, de trabalho, de comunicação, de conhecimento, de cultura, conhecimento de cultura e conhecimento de si próprio também, né? Então pra mim vai muito além do que aprender um código (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

Segundo Kramersch (1996, p.3, tradução nossa), uma das “[...] principais formas pelas quais a cultura se manifesta é por meio da linguagem”¹². Percebemos isso quando mesmo na língua inglesa, que é tida como uma língua universal, temos variações de sotaques, de expressões, de palavras e até variações gramaticais. Tudo isso é reflexo de diferentes culturas, de diferentes povos que utilizam-se do

12 “One of the major ways in which culture manifests itself is through language” (KRAMSCH, 1996, p. 3).

inglês para se comunicarem. Quando falamos, portanto, sobre o que significa ensinar uma LA, não podemos deixar de atrelar a língua à cultura, já que uma língua não pode ser definida nem ensinada dissociada de aspectos culturais.

Essa noção de língua e cultura como aspectos relevantes a serem considerados para pensar o ensino de línguas também é trazida por Wesley, quando questionado sobre o ensino/aprendizagem de uma língua. Segundo ele:

Quando a gente ensina uma língua adicional, a gente tá ensinando a língua de um outro lugar, e a cultura desse lugar sempre vem junto porque não tem como a língua ser separada da cultura, então a gente vai ter, por exemplo, palavras ou expressões que talvez em português não façam sentido porque são relacionadas àquela cultura, né? E, além disso, eu acho que é sempre importante que nas aulas e no ensino mesmo não fique só focado na língua, mas que a gente também foque em conhecimentos adicionais, conhecimentos de mundo, coisas importantes (Excerto retirado da entrevista realizada com o professor Wesley, no dia 17/09/21).

Wesley também menciona a importância da aula de LA ser um palco para que essas diferenças culturais sejam topicalizadas em aula para os alunos. Em seu comentário, ele também aborda a relevância de, enquanto professores de LA, refletirmos sobre a sensibilidade cultural como competência fundamental, colocando-se sempre na posição de quem observa e convida os alunos a observar uma determinada cena sem esquecer que o que pode parecer óbvio para uns, pode ser desconhecido para outros, gerar essa posição coloca ao professor o papel de dar espaços a essas discussões e a ter claro de que é preciso explicitar mesmo os entendimentos tidos como evidentes.

Mas o que consideramos cultura em uma língua? O que é ensinar cultura? Para Janaina, culturas são:

[...] questões de pronúncia, de variação linguística no geral, de hábitos diferentes em países diferentes, de crenças diferentes, de história, enfim, muita coisa (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaina, no dia 30/09/21).

Então, ensinar sobre cultura não é apenas ensinar sobre um item isoladamente, mas sim sobre vários aspectos que se relacionam com a língua diretamente. Vemos a sensibilidade cultural como competência para profissionais que atuam com o ensino de LA. De acordo com a BNCC (2018), a dimensão

intercultural se faz presente como um dos eixos norteadores para o ensino de língua inglesa:

Aprender inglês implica problematizar os diferentes papéis da própria língua inglesa no mundo, seus valores, seu alcance e seus efeitos nas relações entre diferentes pessoas e povos, tanto na sociedade contemporânea quanto em uma perspectiva histórica. Nesse sentido, o tratamento do inglês como língua franca impõe desafios e novas prioridades para o ensino, entre os quais o adensamento das reflexões sobre as relações entre língua, identidade e cultura, e o desenvolvimento da competência intercultural (BRASIL, 2018, p. 245).

Ou seja, a cultura pode abranger diferentes conceitos, como identidade, mitos linguísticos, cultura histórica, entre outros. Kramersch (1996, p.3, tradução nossa) diz que “ensinar cultura significa, portanto, ensinar não apenas como as coisas são e foram, mas como poderiam ter sido ou de que outra forma poderiam ser.”¹³

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas traz pensamentos complementares à BNCC e à Kramersch (1996) quando fala sobre a abordagem intercultural, compreendendo a diversidade cultural como parte da identidade de um aluno e entendendo essa diversidade como parte essencial na aprendizagem de línguas.

Em uma abordagem intercultural, é um objetivo central da educação de línguas promover o desenvolvimento favorável de toda a personalidade e senso de identidade do aluno em resposta à experiência enriquecedora de alteridade na língua e na cultura (COUNCIL OF EUROPE, 2001, p. 1, tradução nossa)¹⁴.

Professores em formação provavelmente já refletem sobre esses conceitos dentro do curso de Letras nas muitas leituras e discussões teórico-conceituais propostas, mas o quanto essas discussões também transbordam as aulas da graduação, ganhando espaços também nos convites feitos aos alunos? É importante que os professores de LA se vejam como um elo entre o conhecimento de cultura e os seus alunos. Da mesma forma com que se percebam como professores que oportunizam aos alunos projetos inovadores e criativos em LAs, utilizando a língua como caminho para agir, para propor soluções e para compartilhar ideias e opiniões. Kramersch (1996, p.8, tradução nossa) traz esse apontamento ao dizer que “pode-se

13 “Teaching culture means therefore teaching not only how things are and have been, but how they could have been or how else they could be” (KRAMSCH, 1996, p. 3).

14 “In an intercultural approach, it is a central objective of language education to promote the favourable development of the learner's whole personality and sense of identity in response to the enriching experience of otherness in language and culture” (COUNCIL OF EUROPE, 2001, p. 1).

querer no futuro definir o professor de línguas não apenas como o gerenciador de um certo desempenho linguístico, mas como o catalisador para uma competência cultural crítica cada vez mais ampla”¹⁵.

A discussão sobre competência cultural crítica não é nova para os professores de LA, visto que frequentemente somos expostos a discussões sobre cultura e conceitos de linguagem, principalmente dentro da universidade. É a partir dessas reflexões que conseguimos perceber o quão importante é conhecer profundamente sobre aquilo que ensinamos, já que do contrário, o resultado desse ensino pode ser perigoso por ter a capacidade de gerar traumas e bloqueios nos alunos. Em uma de suas respostas, Michele comenta sobre o número de alunos que procuram por suas aulas relatando serem traumatizados com o processo de aprendizagem do inglês. Segundo o seu relato, a professora diz que esses traumas podem ter sido gerados por mitos linguísticos e crenças ultrapassadas sobre linguagem:

Chegam pra mim muitos alunos traumatizados, sabe? De pessoas assim: ah estudei em tal lugar, e tal professor me disse que eu não poderia falar tal coisa que era errado, que eu deveria evitar, e assim, calma né? Por quê? Em que cultura tu tá considerando que falar tal coisa está errada, sabe? Existe um exemplo muito claro que é o uso do “I want” que muitos alunos já chegam pra mim dizendo: ah mas eu olhei o vídeo de tal pessoa dizendo que não podia chegar num lugar e dizer “I want”, que estaria sendo muito indelicado e que eles não iam me atender no restaurante [...] mas será que a comunicação não ia acontecer, né? E será que todo mundo ia responder de uma forma grosseira? Vendo que a pessoa tá se esforçando ali. Então, a gente tem que ter muito essa noção, esse cuidado de não traumatizar os nossos alunos com essas coisas de não, não pode isso, não pode aquilo (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

Nesse mesmo trecho, Michele comenta sobre as diferentes respostas que pessoas de diferentes culturas poderiam ter diante do mesmo pedido, nesse caso, o “I want” e, considerando o inglês como uma língua franca, diferentes entendimentos de uma mesma palavra ou expressão são corriqueiros. Crystal (2003) fala sobre essas mudanças a partir dos “Novos Ingleses”:

¹⁵ “One may want in the future to define the language teacher not only as the impresario of a certain linguistic performance, but as the catalyst for an ever-widening critical cultural competence” (KRAMSCH, 1996, p. 8).

Uma consequência inevitável desses desenvolvimentos é que a língua se tornará aberta aos ventos da mudança linguística de maneiras totalmente imprevisíveis. A difusão do inglês em todo o mundo já demonstrou isso, com o surgimento de novas variedades de inglês nos diferentes territórios onde a língua se enraizou (CRYSTAL, 2003, p. 142, tradução nossa)¹⁶.

A BNCC também aborda o tema ao usar exemplos similares ao de Michele para definir a língua inglesa como uma língua franca:

Situar a língua inglesa em seu status de língua franca implica compreender que determinadas crenças – como a de que há um “inglês melhor” para se ensinar, ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno – precisam ser relativizadas. Isso exige do professor uma atitude de acolhimento e legitimação de diferentes formas de expressão na língua, como o uso de *ain't* para fazer a negação, e não apenas formas “padrão” como *isn't* ou *aren't*. Em outras palavras, não queremos tratar esses usos como uma exceção, uma curiosidade local da língua, que foge ao “padrão” a ser seguido. Muito pelo contrário – é tratar usos locais do inglês e recursos linguísticos a eles relacionados na perspectiva de construção de um repertório linguístico, que deve ser analisado e disponibilizado ao aluno para dele fazer uso observando sempre a condição de inteligibilidade na interação linguística. Ou seja, o *status* de inglês como língua franca implica deslocá-la de um modelo ideal de falante, considerando a importância da cultura no ensino-aprendizagem da língua e buscando romper com aspectos relativos à “correção”, “precisão” e “proficiência” linguística (BRASIL, 2018, p. 242).

A partir disso, portanto, também passa a ser uma competência do professor de inglês oportunizar conversas sobre afirmações que dizem que determinadas palavras são consideradas inexistentes ou erradas em uma língua, por exemplo, sem que sejam observadas questões de uso local, objetivos e interlocutores envolvidos.

Em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é e como se faz* Bagno (1999) aborda questões referentes a preconceitos linguísticos envolvendo a língua portuguesa que também dialogam com as discussões trazidas na fala da professora Michele. Segundo Bagno “[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é ‘certo’ e o que é ‘errado’” (Bagno, 1999, p.13).

Quando Bagno fala sobre o preconceito linguístico sendo difundido abertamente, não podemos deixar de relacionar com o que temos hoje em dia nas

¹⁶ “An inevitable consequence of these developments is that the language will become open to the winds of linguistic change in totally unpredictable ways. The spread of English around the world has already demonstrated this, in the emergence of new varieties of English in the different territories where the language has taken root” (CRYSTAL, 2003, p. 142).

plataformas digitais. No subcapítulo 4.3, irei abordar a utilização da internet como uma aliada aos fazeres docentes, porém, acredito ser relevante pontuar já nesse subcapítulo que há muitos professores que se utilizam das redes sociais para propagar mitos e preconceitos linguísticos, como, por exemplo, o mito de que ser bilíngue é falar mais de uma língua de maneira perfeita. A propagação de conceitos equivocados ou desatualizados corrobora para casos como os relatados por Michele, que geram traumas linguísticos e constrangimento para os alunos que pensam que estão sempre errados ou que não são perfeitos o suficiente. Nas palavras de Michele:

Eu vejo muita gente (professores) que não tem conceitos básicos de linguagem, de cultura, de variedade linguística e que é muito importante, sabe? Pra gente não sair por aí pregando alguns preconceitos ou traumatizando, o famoso terrorismo linguístico que as pessoas têm falado, né? (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

Essa ideia dos traumas online também acontece offline. Laura, uma das alunas entrevistadas, relatou uma experiência difícil que teve com aulas presenciais e que ilustra como o ensinar precisa ser cuidadoso, envolvendo afeto e respeito.

Laura: [...] sendo que eu não aprendi e acabou de ficar frustrante pra mim em algumas situações, não entender em sala de aula e professor gritar, então o aprendizado ficou duro e ficou algo triste pra mim. Foi quando eu decidi sair (da escola de idiomas), aí eu fiquei algum tempo: meu Deus e agora? Eu preciso aprender inglês só que se um curso que foi bem falado não deu certo comigo e agora?

Entrevistadora: Gerou um trauma.

Laura: Nossa, sim.

(Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Laura, no dia 30/09/21).

Como podemos evitar que casos como o de Laura se repitam? Janaina acredita que a resposta esteja na formação dos professores. Quando foi perguntada sobre as competências que um professor de LA precisa ter, respondeu:

Acho que boas concepções de língua são essenciais, conceitos que pra quem estuda sobre isso são básicos, mas também existem muitos professores de LA que não estudam para isso e nem acreditam que esse estudo seja necessário. Quando a gente reflete e estuda sobre essas concepções, como fluência, bilinguismo, preconceito linguístico, a gente percebe o quanto elas são importantes no dia a dia com os alunos (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaína, no dia 30/09/21).

Nas entrevistas realizadas com os professores, também pude observar a menção feita por eles aos seus processos de formação no curso de Letras como essenciais para a construção de conceitos teórico-práticos para suas aulas. No excerto a seguir, a fala de Wesley aponta a relevância das discussões que teve no curso de Letras para pensar a língua para além da gramática, tanto da perspectiva de quem está em formação quanto da perspectiva de quem também é um usuário aprendiz de línguas adicionais:

[...] eu lembro que até antes de fazer o curso eu tinha dificuldades em me comunicar em inglês um pouco, como o curso acaba sendo totalmente inglês eu acabei desenvolvendo muito essa parte. Também acho que o curso me ajudou muito a entender que uma língua não é só gramática, mas que também tem toda essa questão cultural por trás da língua, né? Porque algo que eu acabava fazendo antes de cursar ou o que eu imaginava que seria antes de cursar Letras, era “ah, hoje eu tenho que ensinar verbo to be, eu vou fazer uma aula sobre verbo to be”, hoje eu penso muito mais no gênero que eu vou trabalhar e no tema que eu vou escolher do que na gramática, a gramática vem depois (Excerto retirado da entrevista realizada com a professor Wesley, no dia 17/09/21).

Alice também menciona o curso de Letras quando fala sobre conceitos de língua que hoje considera essenciais para as suas aulas:

Eu acho que a noção de língua, linguagem, todos os conceitos que a gente tem na Letras, eu acho que é essencial, eu não conseguiria dar aula do jeito que eu dou sem a teoria por trás da minha prática (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Além disso, Alice também fala sobre a importância que a teoria tem quando aliada à prática, e como as ideias adquiridas nas disciplinas do curso foram essenciais para a prática docente que desempenha atualmente. Percebemos, então, outras competências essenciais advindas da formação teórico-prática que esses professores tiveram em suas formações no curso de Letras que os auxiliam com um

ensino de LA que seja contextualizado, considerando a exploração de recursos gramaticais a partir do trabalho por temáticas e gêneros discursivos, e que seja sensível a aspectos culturais e de uso de língua de forma situada, desconstruindo preconceitos linguísticos e diminuindo a possibilidade de gerar traumas com a aprendizagem do inglês.

4. 2 “Ensinar uma língua adicional é tu auxiliar outra pessoa a existir no mundo em outro idioma”

Freire diz que “O homem está no mundo e com o mundo” e que “isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender” (FREIRE, 1979, p. 30). Trazendo isso para o ensino de línguas, para que possamos ensinar efetivamente nossos alunos, precisamos utilizar a língua inglesa como uma forma de inseri-los no mundo ao invés de apenas ensinar tópicos descontextualizados. Para isso, precisamos enxergar a língua inglesa como uma prática social ao invés de ver, no idioma, apenas uma simples combinação de palavras. Durante as entrevistas, pude perceber que muitos professores pensam dessa forma, como podemos observar na fala de Manuela:

Então, pra mim ensinar uma língua adicional é tu auxiliar uma outra pessoa a existir no mundo em um idioma. Então tu vai ensinar essa pessoa a agir no mundo, né? De acordo com aquele idioma. Então fazer pedidos, fazer, ahm, não sei, qualquer tipo de situação comunicativa em um outro idioma, considerando as culturas que esse idioma abarca, né? Eu acho importante trazer esse lado também, não é só gramática, tem toda uma parte cultural, tem a parte de uso, enfim, interacional. Então, eu acho que é realmente eu vejo as línguas como um universo diferente, né? A gente acaba tendo contato com outras culturas, falando uma língua, então, não tem como tu não acessar coisas muito diferentes do que tu tá acostumado. Então, eu acho que é isso, eu auxilio pessoas a existirem no mundo de uma maneira diferente (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Manuela, no dia 29/09/21).

De acordo com os PCNs, aprender uma LA é “uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão” (1988, p.15). Assim como mencionado por Manuela, aprender uma língua torna-se relevante na medida em que o aluno se reconhece como parte do mundo em que habita, ampliando suas percepções sobre formas de ser e de agir.

lara, umas das entrevistadas, estuda inglês há 7 anos e, em sua fala, também faz menção a esse pertencimento enquanto um cidadão global:

O inglês me ajudou muito porque eu troquei experiência com pessoas, fiz amizade com pessoas de outros países que eu mantenho contato até hoje, então, realmente foi muito importante (Excerto retirado da entrevista realizada com lara, no dia 29/09/21).

Lafford e Ramírez (2018) discorrem sobre as habilidades do século XXI, ressaltando a habilidade intercultural como essencial para tornar o indivíduo mais preparado para vivenciar encontros sociais. Os apontamentos trazidos por lara estão diretamente relacionados a essa competência de se relacionar com o mundo. Para que possamos desenvolver a competência intercultural em nossos alunos, precisamos ensinar a língua de forma a dialogar, sempre, com as situações de mundo real. É exatamente o que Laura fala quando é perguntada sobre o seu tipo favorito de aula:

(Aulas dinâmicas) são as que tragam situações do dia a dia pra dentro da sala, exemplo, algum meme que aconteceu na rede social, que do nada a gente começou a falar sobre, então, que faça a gente rir, tira aquele peso de escola. Eu acho que só de não ter questão de avaliação, “preciso passar na prova”, “preciso passar no teste oral”, algo assim, já me deixa bem mais leve. E também dinâmica de slide é sempre um conteúdo visual muito criativo. É o que chama atenção pros meus olhos numa aula (Excerto retirado da entrevista realizada com Laura, no dia 30/09/21).

O comentário trazido por Laura sobre os aspectos que fazem uma aula de inglês mais dinâmica e interativa vai ao encontro da concepção de aprendizagem proposta nos PCNs: “[...] ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social” (1988, p.15).

Outros professores entrevistados também abordam esse assunto. Em sua fala, Wesley comenta sobre o seu estilo de aula:

Eu sempre gosto de fazer uma aula bem comunicativa. Pelo menos ao meu ver e nas minhas crenças como professor, acredito que o que é mais importante de saber inglês não é saber o inglês perfeito “entre aspas”, que as pessoas acham totalmente gramaticalmente correto, mas eu acho mais importante que os alunos consigam se comunicar na língua (Excerto retirado da entrevista realizada com o professor Wesley, no dia 17/09/21).

Entendo o que Wesley quer dizer como a sua influência no processo de aquisição da língua inglesa nos seus alunos, ou seja, de acordo com os pensamentos Leffa (1988), Wesley estaria mais preocupado com o desenvolvimento espontâneo dos seus alunos em inglês e não tanto com o desenvolvimento formal da língua. Não estou querendo afirmar que as regras gramaticais não sejam importantes para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da comunicação em uma língua, porém um ponto central nesta discussão é considerar a comunicação de forma situada para, a partir dela, poder fazer as escolhas de recursos linguísticos necessários para vivenciar e experimentar o mundo.

Como já mencionado no capítulo 2, Crystal (2003) acredita que o número de falantes não nativos de uma língua é três vezes maior do que o número de falantes nativos. Esses dados também trazem à tona discussões sobre o inglês como língua franca, como língua de comunicação.

As falas de Wesley e de Manuela possibilitam reflexões sobre abordagens de ensino de língua que se afastam de perspectivas mais centradas na gramaticais e abrem espaço para abordagens mais contextualizadas, que tem como objetivo fazer com que os alunos observem e explorem o mundo que os cerca em inglês. Além disso, esse tipo de abordagem proporciona que os alunos consigam refletir também sobre o uso que fazem da língua, afastando-se apenas de “um certo” e “um errado”, e construindo conhecimentos sobre o uso da língua entre o aluno e o professor.

Quando falamos sobre essa construção também estamos falando sobre o pensamento crítico, já que ele ajuda a oportunizar habilidades para essa construção. De acordo com Norman (1981), “ao criar atividades de desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, os educadores devem priorizar abordagens que ensinem o aluno a pensar, não o que pensar” (NORMAN, 1981 apud LAFFORD; RAMÍREZ, 2018, p. 22, tradução nossa)¹⁷. Janaina também faz menção a essa ideia ao falar sobre o que é ensinar uma LA:

Para mim ensinar uma LA, no meu caso o inglês, é ensinar um novo mundo para o aluno. Através do que ensino para eles, eles conseguem se comunicar e existir em um contexto diferente. Tem uma frase do Federico Fellini que eu gosto muito, que diz que uma língua diferente é uma visão diferente da vida, então a parte mais importante pra mim é poder mostrar

¹⁷ “In creating CT skill-building activities, educators must prioritize approaches that teach student how to think, not what to think” (NORMAN, 1981 apud LAFFORD; RAMÍREZ, 2018, p. 22).

essa visão diferente da vida para os meus alunos (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaina, no dia 30/09/21).

Ou seja, aqui pensamos na língua não mais como uma língua, mas sim como um novo mundo a ser descoberto pelos alunos e, também, pelos professores. Isso vem ao encontro das discussões propostas no subcapítulo anterior (4.1 “Pra gente não sair por aí pregando alguns preconceitos e traumatizando”) com relação à língua e a aspectos culturais, e aqui podemos ver como isso impacta de forma direta na preparação e nas abordagens que os professores escolhem para ministrar as suas aulas. Além disso, conseguimos perceber uma conexão direta entre uso de língua, aspectos culturais e uso de língua para agir nas práticas sociais cotidianas. Nas palavras de Clark (2003):

As pessoas não apenas usam a língua. Eles usam a língua para fazer as coisas - focar, conhecer uns aos outros, planejar as tarefas do dia a dia [...]. Estas são atividades sociais, e a linguagem é um instrumento para realizá-las. As línguas como as conhecemos não existiriam se não fosse pelas atividades sociais nas quais são instrumentos (CLARK, 2003, p. 23, tradução nossa)¹⁸.

Compreendemos, então, o que é ensinar uma LA para os entrevistados dessa pesquisa, e como esse ensinar está relacionado com o agir no mundo. Além disso, como mencionado anteriormente, alguns professores associam essa prática social a abordagens mais livres, já que diferentemente de muitos profissionais que trabalham com o ensino de língua em escolas que seguem materiais didáticos e métodos mais sistematizados, os professores que atuam de maneira autônoma têm uma liberdade maior de escolher caminhos, sempre em relação com as demandas dos alunos.

Essa abordagem mais personalizada e voltada para o aluno pode se dar a partir da combinação de diferentes abordagens de ensino, o que para Leffa (1988) e outros pesquisadores se chama eclecticismo inteligente, ou seja, não aceitar absolutamente tudo o que é novo, mas também não adotar metodologias exclusivas ou restritas.

Nenhuma abordagem contém toda a verdade e ninguém sabe tanto que não possa evoluir. A atitude sábia é incorporar o novo ao antigo; o maior ou menor grau de acomodação vai depender do contexto em que se encontra o

18 “People don't just use language. They use language for doing things – gossiping, getting to know each other, planning daily chores [...]. These are social activities, and language is an instrument to carry them out. Languages as we know them wouldn't exist if it weren't for the social activities they are instrumental in” (CLARK, 2003, p. 23).

professor, de sua experiência e de seu nível de conhecimento (LEFFA, 1988, p. 25).

Para Alice, ensinar uma LA se relaciona com o tornar o aluno independente, entendemos isso quando diz que:

O intuito da gente dar aula e ensinar uma língua adicional é fazer o aluno gostar daquela língua e ir atrás dela (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

E o “gostar” está diretamente conectado à abordagem que o aluno é apresentado, principalmente quando falamos de uma aula para um único aluno, em o foco da aula é a sua necessidade com a LA, especificamente. Por isso a importância das aulas personalizadas nas aulas privadas de inglês, já que com elas os alunos conseguem perceber aquilo que gostam e aquilo que necessitam saber na língua de maneira relacionada. Quando houve a oportunidade de ouvir alunos durante as entrevistas, a relevância dessa relação ficou evidente. Lara, por exemplo, disse:

Eu gosto (de aulas personalizadas) porque cada indivíduo tem a sua necessidade, sabe? E principalmente algo a ser melhorado, em que se você padroniza aquilo acaba deixando certos aspectos da pessoa de lado. Então quando vira uma aula particular, mais pra pessoa, pras necessidades dela, eu acho que ela acaba melhorando muito mais rápido do que fosse anteriormente padronizado (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Lara, no dia 30/09/21).

Lara, que também é estudante de inglês, mencionou o porquê das aulas personalizadas funcionarem mais no seu caso:

Eu gosto muito de aulas assim especializadas pra cada aluno, sabe? Tipo, com olhar individual pra cada aluno. Porque todo mundo tem uma forma diferente de aprender, né? E eu acho que com aulas particulares principalmente o professor consegue direcionar mais o aprendizado e fazer uma triagem, um filtro e até perceber como o aluno aprende melhor, então, acho que é bem legal (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Lara, no dia 29/09/21).

O que Lara fala diz sobre a forma que cada aluno aprende uma língua. Isso desloca o professor do centro do ensino e da posição de quem dita as verdades e as mentiras sobre o ensino de LA, colocando o aluno como protagonista, onde ele pode

decidir como e com quais assuntos prefere aprender. Teóricos definem essa ideia como metodologias ativas, Valente (2018) diz que tais metodologias “constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas” (VALENTE, 2018, p. 27).

Portanto, a partir das entrevistas, entendo que abordagens que considerem o aluno de LA como construtor do seu próprio aprendizado podem enfatizar a ideia de que a língua pertence a todos nós e de que o professor não é detentor de todo o conhecimento na língua, tornando o ensino mais prazeroso e bem-sucedido para o aluno e para o professor. Além disso, a importância de aulas direcionadas e dinâmicas que respeitem o aluno e o seu processo de aprendizagem ficam evidentes.

4.3 “Eu tento mudar o meu algoritmo para coisas que me beneficiam”

Nesta seção, falarei sobre pontos das conversas que revelam competências necessárias relacionadas ao uso de tecnologias para o ensino. Discutirei, a partir dos dados, sobre a postagem de conteúdos digitais nas redes sociais e o efeito que isso pode gerar na aprendizagem de línguas e, além disso, abordarei como os entrevistados entendem as aulas remotas de língua e os possíveis impactos que a pandemia de COVID-19 teve sobre elas.

A produção de conteúdo digital pode ser feita em qualquer rede social, mas, atualmente, quem está na internet, está no Instagram. A rede social conta hoje, em 2021, com mais de 1 bilhão de usuários que acessam a plataforma mensalmente e é a quarta rede social mais utilizada no mundo, o Brasil ocupa a 3ª posição no ranking de países que mais estão na plataforma.¹⁹ No caso da Michele, ela criou o seu perfil no Instagram no início da pandemia para manter contato com os seus alunos, mas acabou descobrindo uma nova forma de divulgar o seu trabalho:

Eu criei o Instagram no início da pandemia com o único intuito de lembrar os meus alunos, que os meus alunos me seguissem, se eu, se os meus alunos estivessem me seguindo, tava tudo certo. Pra que eles pudessem estudar. [...] Só que foi acontecendo que pessoas foram me seguindo, pessoas foram começando a me marcar nos stories durante as aulas, daí

¹⁹ De acordo com <https://backlinko.com/instagram-users>. Acesso em 6 nov. 2021

aumentou os seguidores, pessoas querendo fazer (aulas) a um ponto de que eu estou com a agenda lotada e mais de trinta pessoas na lista de espera (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

O caso da Michele não é único. Muitas pessoas vêm descobrindo as redes sociais como uma extensão dos seus trabalhos, nesse caso, das aulas privadas de LA. Janaina, quando perguntada sobre o impacto que suas publicações online têm no seu número de alunos, diz:

Hoje em dia 90% dos meus alunos chegaram até mim pelo meu trabalho online. Então acredito que esse trabalho é parte essencial do meu empreender (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janina, no dia 30/09/21).

Com isso, notamos que o estar presente online se faz cada vez mais significativo para os professores que empreendem na educação, já que é uma forma de estar em contato com alunos atuais e, também, de atrair novos alunos. A pandemia de COVID-19 contribuiu substancialmente para algumas mudanças na educação, já que, como mencionado por Temóteo (2021, p.69), todos os professores precisaram aprender sobre novas tecnologias que ainda não conheciam, o que inclui o uso das redes sociais como ferramentas educacionais. Durante as entrevistas, quando Laura, que é aluna, foi perguntada sobre o impacto que as redes sociais possuem em suas construções de língua, disse:

Sim, eu tento mudar o meu algoritmo pra coisas que me beneficiam, então, eu sempre estou tentando procurar professores de inglês que dão dicas ou americanos mesmo que possam me dar dicas de inglês, de como melhorar a pronúncia e também não só isso, tudo que eu preciso eu procuro no Instagram (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Laura, no dia 30/09/21).

Quando utilizamos das redes sociais como plataforma para expressão, muitas vezes não temos a dimensão de até onde aquela informação chegará. O exemplo de Laura nos mostra o quanto, mesmo sem querer, impactamos na concepção de língua das pessoas que atingimos. Isso também vem ao encontro com o que as pessoas entendem por ensino de línguas e como os professores vêm utilizando das redes sociais para desconstruir pensamentos sobre língua e educação já enraizados em alunos, que muitas vezes são mitos que os intimidam e aterrorizam na hora de

se expressar. Nesse sentido, as ideias de Alice e Marina se complementam, quando Alice menciona que pode atingir pessoas que não conseguiria caso não estivesse presente online:

Então, e a minha quantidade de seguidores também, por exemplo, tá bem pequena, então eu atinjo pouca gente no momento, mas mesmo sendo pouca gente, ainda é gente! Então, eu consegui um aluno de São Paulo que nunca ia me achar na vida se eu não tivesse um Instagram por exemplo (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Já Marina vê o seu trabalho digital como uma forma de difundir ideias e concepções que têm sobre a língua inglesa para todos que a encontrem nas redes sociais, sendo seus alunos ou não:

Eu acredito que além de ser uma forma de trazer alunos pra mim [...] pessoas que ainda não têm aulas comigo, mas querem ter o conhecimento do inglês podem ser bem ajudados pelo meu conteúdo digital (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Marina, no dia 30/09/21).

Então, assim como o professor utiliza o pensamento projetual para planejar as suas aulas, ele também precisa utilizar desse pensamento como empreendedor (no caso, no marketing digital) para poder utilizar as redes sociais de uma maneira estratégica para aquilo que queira alcançar, seja para atrair novos alunos ou, como no caso de Marina, espalhar conhecimento. Isso nos mostra sobre as competências que um professor que atua com aulas privadas de inglês precisa adquirir e sobre o quão correlacionadas tais competências precisam estar.

A pandemia também fez com que as aulas online se tornassem mais comuns, já que essa era a única opção de continuar estudando no início dela. Aulas online de idiomas não foram uma novidade, já que muitos cursos já eram ofertados nessa modalidade, mesmo assim, fomos impactados por uma mudança urgente de visão de mundo e, conseqüentemente, de visão de educação. Sobre isso, Temóteo (2021) diz:

O contexto da pandemia apressou a tomada de decisões nas instituições, levando professores e gestores a ponderar sobre os diversos modelos de ensino a distância, mediados por tecnologias digitais. Muitos trataram de reproduzir a sala de aula tradicional com aulas em vídeo, e-books, provas online, e sistemas de gestão de aprendizagem que não trouxeram

novidades, o que acaba sendo um passo atrás em tudo o que havia de errado com os modelos didáticos de ensino (TEMÓTEO, 2021, p. 71).

Ou seja, para Temóteo, o ensino a distância não pode ser simplesmente uma versão adaptada das aulas presenciais, mas sim uma nova visão de sala aula, já que contextos diferentes exigem métodos diferentes. Quando questionada sobre a existência de diferenças entre aulas presenciais e online, Marina diz:

Aulas particulares online e presencial são coisas diferentes, e eu acho que o professor tem que saber diferenciar essas duas coisas e saber se adaptar a elas (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Marina, no dia 30/09/21).

Outros professores entrevistados também compartilham do mesmo pensamento de Marina, como Manuela, por exemplo, que diz que considera aulas presenciais e aulas online como diferentes, pois são ministradas em ambientes diferentes. Além disso, Manuela acredita que o êxito de uma aula online também depende do perfil do aluno:

Eu acho que parte um pouco mais do perfil do aluno. Se ele tá num lugar que ele consegue focar na casa dele, se ele é um aluno focado ou se ele tá talvez aqui com o Zoom aberto, mas uma outra aba (aberta ao mesmo tempo) (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Manuela, no dia 29/09/21).

Com isso, não temos como definir uma modalidade como sendo melhor do que a outra, já que elas apresentam perspectivas distintas de ensino e aprendizagem. Um ponto positivo das aulas remotas é o ambiente em que o aluno está, já que, possivelmente, as aulas serão assistidas de um espaço já familiar para ele, o que deixa o aluno mais confortável e, conseqüentemente, diminui a ansiedade de estar em uma aula.

Ambas as alunas mencionam o quanto o ambiente que as aulas online proporcionam influência no processo de aprendizagem para elas. Da perspectiva de lara:

Eu me sinto mais confortável de estar na minha casa tendo aula com alguém, sabe? Eu estou na minha zona de conforto com uma coberta com a minha cachorra sabe? [...] Tá completamente na minha zona de segurança assim, então é muito legal (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna lara, no dia 29/09/21).

Já Laura acredita que o seu foco aumenta em aulas remotas, visto que as suas distrações diminuem:

Eu consigo me dedicar mais no online, é como se eu realmente prestasse atenção, quando eu ia pessoalmente não sei, eu poderia me distrair com o colega falando, celular, atrasar com transporte pro lugar, então são várias variáveis em que eu não tenho no online. No online é realmente celular desligado, foco na câmera, caderninho do lado (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Laura, no dia 30/09/21).

Temóteo (2021) ainda menciona que, como as possibilidades de recursos e de abordagens que as aulas síncronas oferecem são abrangentes, o aluno pode usufruir de óticas diferentes do mesmo tema.

Vista desse modo, a Educação a Distância amplia as possibilidades, ao estudante, uma vez que lhe oportuniza diferentes formas de aprender e variados recursos para interagir com o conhecimento e protagonizar o seu próprio processo de aprendizagem (TEMÓTEO, 2021, p. 72).

Além disso, essa visão também contribui para a quebra da concepção de que aulas online perdem em qualidade para as aulas presenciais, que, como mencionado anteriormente, não é uma comparação que justa. Quando Laura foi perguntada sobre esse assunto, expressou sua opinião dizendo:

Eu tinha algum preconceitozinho com essa aula online porque eu pensei: nossa eu não vou conseguir aprender, nossa a professora não vai conseguir entender a minha pronúncia, e se eu falar errado como ela vai corrigir? Só que é tudo um mito que quando eu comecei foi totalmente desmistificado, a professora conseguiu entender exatamente quando eu falava uma pronúncia errada pra me corrigir eu senti agora que realmente a aula online é a minha preferência, qualquer curso que eu vou fazer eu já pergunto: tem aula online? (Excerto retirado da entrevista realizada com a aluna Laura, no dia 30/09/21).

O que Laura menciona possui relação com o trecho de Manuela apresentado anteriormente, no qual entende que o perfil de cada aluno deve ser levado em consideração em uma aula, seja ela presencial ou online. No caso de Laura, ela expressa a sua preferência por aulas online, o que pode indicar um traço do seu perfil como aprendiz.

Também entendo a contribuição da pandemia de coronavírus para mudanças significativas no âmbito das aulas privadas de LA, já que, por conta do

distanciamento físico, o ambiente online passou a ser mais comum. Essa adaptação para um novo contexto de mundo em que ambos, professores e alunos, precisaram passar pode ter contribuído positivamente para a evolução do ensino de línguas. Moreira e Shlemmer refletem sobre esse pensamento ao falarem:

As necessárias mudanças organizacionais são muitas vezes difíceis, e surgem em contextos dolorosos, como é o caso, e implicam enormes desafios institucionais, pessoais e coletivos de adaptação, de mudança, de flexibilidade e, principalmente de transformação e inovação (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p.27).

Além disso, os autores dão enfoque no uso das tecnologias digitais dentro e fora da sala de aula e em como a partir desse momento de pandemia os professores terão que buscar mais aprofundamento em relação ao letramento digital, para que a tecnologia se torne uma aliada na propagação do conhecimento através das suas aulas e ensinamentos.

[...] a mudança de paradigma e de filosofia educacional, para uma educação digital em rede, exige uma política ativa de formação docente, de apropriação digital, a fim de propiciar a criação e o desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas, mais coerentes com esse tempo histórico e social e que considerem as especificidades e potencialidades dos novos meios, a fim de propiciar acréscimo em termos de qualidade, por meio de programas de formação/qualificação com TD conectivas, nos quais cada um pode se transformar num co-produtor, contribuindo para fazer emergir novas ecologias educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p.28).

Entendo, portanto, o uso das TD como parte essencial do papel que o professor empreendedor ocupa, já que elas se tornam facilitadores por assumirem diferentes funções que impactam diretamente no trabalho desse professor. As TD podem fazer parte da conquista de novos alunos, como observamos nas entrevistas, isso porque, quando o professor produz conteúdo digital, ele assume um novo papel que se relaciona com o marketing digital, já que esse professor se torna também responsável pela divulgação de suas aulas. Além disso, essa presença online também é uma forma de estar em contato com os alunos antigos e atuais, já que propicia uma relação de proximidade entre o aluno e o professor. Também utilizamos as TD como parte de nossas aulas, ainda mais se ministradas online, dessa forma nós, professores, conseguimos criar um ensinar mais dinâmico e mais individualizado para o aluno.

4.4 “Quando comecei a me considerar empreendedora eu já empreendia há 3 anos”

No capítulo 2.2 desse trabalho, defini o que significa empreender na educação e estabeleci pontos que os *teacherpreneurs* têm em comum em relação às suas funções como educadores. A partir da pesquisa realizada com os seis professores entrevistados, pude perceber que, mesmo todos empreendendo em algum nível, todos demoraram a se entender como empreendedores na educação.

É importante retomarmos que o entendimento de empreendedorismo na educação, aqui, não é somente em relação a abertura de empresas, mas sim em relação à criação de práticas pedagógicas que beneficiem nossos alunos ao mesmo tempo em que oportunizem o afastamento dos professores de ideias que não conversem com suas crenças em relação ao ensino e aprendizagem. Gómez (2016) fala sobre essa definição quando diz que:

[...] o empreendedorismo é possível, não só quando nos propomos a criar novos negócios, mas quando a partir do nosso perfil formador e educador atuamos como profissionais empreendedores, com determinadas características e uma determinada forma de agir (GOMÉZ, 2016, p. 179, tradução nossa)²⁰.

Mas, então o que leva um professor que empreende a acreditar que não empreende? Por que a definição de professor empreendedor se torna tão difícil de ser assumida? Nas palavras de Janaina:

Quando comecei a me considerar empreendedora eu já empreendia há 3 anos. Acredito que isso aconteceu, pois, a minha volta, eu não conhecia ninguém que prestava esse serviço, de aulas particulares, sem ser um bico (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaina, no dia 30/09/21).

De fato, a profissão do professor é marginalizada pela sociedade, como a fala de Janaina sugere. Em 2016, uma reportagem do jornal Metro se tornou viral na internet pela sua manchete que dizia: “Professores e garçons estão entre os bicos mais procurados” e, após a repercussão nas redes, o veículo se retratou dizendo que “a matéria se trata dos professores particulares, aqueles que oferecem aulas

20 “[...] emprender es posible, no sólo cuando nos lanzamos a crear nuevos negocios, sino cuando desde nuestro perfil formador y educador actuamos como profesionales emprendedores, con unos rasgos y un modo de actuar determinados” (GOMÉZ, 2016, p. 179).

específicas, e não a docência como um todo”. É evidente que muitos professores particulares levam esse trabalho com uma forma de renda extra, inclusive muitos professores de línguas começam na docência por meio de instruções informais de LA, mas por que se acredita que não existe a necessidade de formação específica para lecionar? Leffa (2008) nega a visão do professor de LA como o detentor de dicas infalíveis para aprendizagem de línguas, pois, ao contrário da declaração do jornal Metro, entende o professor de LA, autônomo ou não, como parte da docência.

[...] vejo o professor de língua estrangeira antes de tudo como um educador, e, portanto, tudo o que se aplica ao educador também se aplica a ele. Não o vejo como um técnico que possui os segredos das técnicas, das “dicas” consideradas mais eficazes para se ensinar uma língua que não seja a nossa primeira (LEFFA, 2008, p.30).

Portanto, se torna importante considerar o professor particular de inglês igualmente como um educador, pois também cabe a ele os deveres de uma educação séria e transformadora, já que a sua função não é uma mágica transmissão de informações, e sim o trabalho para a construção de conhecimento de maneira conjunta com o aluno. Aqui, podemos entender um pouco melhor sobre alguns mitos linguísticos que envolvem o bilinguismo, como por exemplo, a urgência pela fluência e a crença de que ela pode ser adquirida em poucas semanas. Isso se relaciona com a ideia de que o professor de LA possui “dicas mais eficazes”, como mencionado por Leffa (2008). Corroborando com a ideia de que o professor de LA precisa estar envolvido com práticas pedagógicas e os seus propósitos, Alice diz:

[...]às vezes o aluno vê uma aula que foi uma aula de conversação, mas tem uma teoria por trás daquilo, tem um motivo por eu estar dando aquela aula (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Ainda pensando na visão que a sociedade tem sobre o professor e entendendo a função que esse educador exerce como fundamental, Freire (1997) reflete sobre a prática educativa:

[...] é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos,

também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1997, p. 32).

Retomando as questões levantadas sobre empreendedorismo na educação, Michele diz:

Eu não me enxergava como empreendedora até eu abrir e alugar um espaço, assinar um contrato, sabe? É bobagem da nossa parte porque o que eu faço há quatro anos, que é ir dar aula de inglês na casa das pessoas, é empreender, é um negócio só que é um processo pessoal a gente se entender como empreendedor né? (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

E como podemos relacionar esses dois conceitos, o da desvalorização do professor com o do professor empreendedor que não se vê como tal? É possível teorizar que a consciência tardia que Michele e os outros professores mencionam em relação ao se perceberem como *teacherpreneurs* pode ser justamente por não conseguirem enxergar o espaço no mercado em que um professor pode empreender, já que a visão que ela oferece é uma visão deturpada, e até mesmo inocente, do professor, na qual ele desempenha o seu papel de ensinar apenas por amor incondicional ou por dom. Já o empreendedorismo está muitas vezes relacionado com competências financeiras e do mundo dos negócios, e pode parecer distante, para muitos, um professor ocupar também esse lugar. Entretanto, empreender na educação precisa dialogar com o entendimento de que o fazer docente envolve muitos aspectos que vão além dos que são reconhecidos pela sociedade, como mencionado anteriormente nas falas de Freire (1997) e retomado aqui por Leffa (2008):

Há outros elementos em jogo. Estamos atuando na área do desenvolvimento de valores, de posicionamento na sociedade, no mundo. Estamos atuando na área da preparação para a vida. Há muito mais envolvido do que a simples prestação de um serviço, que é remunerado (LEFFA, 2008, p.30).

Alice, a partir de sua visão sobre o que é empreender na educação, também entende que não se pode ocupar o papel de *teacherpreneur* sem ter conhecimento de conceitos que dizem respeito a tudo o que envolve ser um professor. Ela diz:

Eu acho que empreender na educação é primeiro ter uma base de educação (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Ou seja, acreditar na importância do entendimento dos professores privados de LA como educadores e, a partir disso, buscar a formação, a formação continuada e a compreensão de práticas de ensino que entendam esses professores, também, como parte da evolução da sociedade e da educação. Com isso, compreendemos que também é competência do professor empreendedor se perceber como um empreendedor na educação, pois ser professor, de qualquer tipo, não é apenas um “bico”.

4.5 “É tudo eu, né?”

A partir das análises propostas, podemos compreender mais sobre as habilidades que um *teacherpreneur* necessita ter e as funções que esse professor precisa exercer. Vimos o professor de aulas privadas de LA como responsável por entendimentos de língua, de cultura, de tecnologias digitais e do seu próprio entendimento como educador. Mas, ainda assim, o trabalho desses professores vai além, já que precisam assumir muitas funções ao mesmo tempo. Quando perguntada sobre as competências que um professor empreendedor de LA precisa ter, Janaina respondeu:

Além das competências linguísticas que já mencionei anteriormente, acredito que um professor empreendedor precisa ter competências financeiras, já que precisa gerenciar um negócio, precisa saber lidar com as redes sociais tanto pra captar alunos quanto pra manter eles, precisa saber lidar com ferramentas digitais, trabalhando online ou presencial, precisa saber fechar vendas, saber lidar com o cliente, precisa assumir muitas responsabilidades que a gente nem imagina, mas que na prática precisam ser feitas (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaina, no dia 30/09/21).

Outros professores também mencionaram os desafios de serem os responsáveis por todas as tarefas dentro do seu negócio, que incluem, por exemplo, a preparação de aulas e de estratégias pedagógicas, o marketing, o gerenciamento da agenda e dos alunos e a cobrança financeira. Michele conta sobre a sua experiência ao dizer que:

Hoje em dia eu acho que uma das coisas principais é o domínio das redes sociais [...], a outra é a competência financeira, né? [...] que ainda tem esse conceito de que a professora é esse ser este ser que trabalha por amor, né? E que o dinheiro seria o segundo plano e não é assim, se tu quer ter um negócio tu precisa girar dinheiro, sabe? [...], também saber lidar com as pessoas porque principalmente neste momento inicial eu sou a minha secretária, o meu financeiro, a minha mídia social, a minha faxineira é tudo eu, né? (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Michele, no dia 28/08/21).

Alice também reflete sobre os processos internos que precisamos enfrentar ao empreender, como, no caso dela, a necessidade de lidar com a vergonha:

[...] uma coisa que eu tive que aprender foi: não posso ter vergonha, não posso ter vergonha de panfletar, por exemplo, eu não posso ter vergonha de vender meu trabalho e de falar sobre ele (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Outro processo interno muitas vezes enfrentado pelos professores autônomos é a solidão. Alice diz que não se sentir sozinha hoje pode ser relacionado com a graduação, já que tem a oportunidade de conhecer e estar em contato com pessoas que atuam na mesma área que ela diariamente. Ela também fala sobre como isso a ajudou a superar a vergonha, mencionada no trecho anterior:

[...] uma das coisas que me fez perder a vergonha de postar no Instagram, por exemplo, é eu ver todos os meus amigos postando no Instagram também. Então eu tive a sorte de não me sentir sozinha, mas eu acho que se já tivesse terminado a faculdade talvez fosse diferente (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Janaina, diferentemente de Alice, quando foi perguntada sobre se sentir sozinha, disse:

Sim, principalmente no início da pandemia. Acho que as dificuldades de um professor empreendedor são diferentes das dificuldades de um professor de curso de idiomas ou de escola regular, então quando não se tem pessoas ao teu redor que façam o que tu faz, é bem difícil. Mas com o tempo fui construindo minha comunidade (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Janaina, no dia 30/09/21).

Mesmo o sentimento de Alice e de Janaina sendo opostos, eles têm algo em comum: a importância do senso de comunidade. Ou seja, como a colaboração entre

professores se faz importante para a construção de conhecimento e como essa construção pode afetar a vida dos professores e, direta ou indiretamente, de seus alunos.

As habilidades mais apontadas pelos professores como sendo essenciais para profissionais da área de Letras que atuam/queiram atuar como professores privados de LA ao longo das entrevistas foram: conhecimentos linguístico-discursivos, habilidades financeiras, conhecimentos de marketing digital e iniciativa. Além disso, todos os professores apontaram o curso de Letras como significativo para o entendimento de algumas destas habilidades, como as linguístico-discursivas, entretanto, também mencionaram que outras habilidades que consideram importantes não foram exploradas ao longo do curso, por não serem relacionadas diretamente com a área da Letras. Alice exemplifica isso ao falar sobre habilidades financeiras:

[...] não posso ter vergonha de vender meu trabalho e de falar sobre ele e não posso ter vergonha de cobrar por ele e de cobrar o valor que ele merece, né? Então acho que isso foi uma coisa que a Faculdade de Letras não me ensinou, por exemplo, porque não tem necessariamente a ver com aprender uma língua nova (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Alice, no dia 15/09/21).

Para além, todos os professores entrevistados concordam que o estudo, dentro ou fora da universidade, se faz importante na vida e práticas do professor de LA, pois como apontado por Marina:

[...] nós somos os maiores alunos (Excerto retirado da entrevista realizada com a professora Marina, no dia 30/09/21).

Levando em conta essas, todas as outras competências necessárias a um profissional de Letras que empreende com aulas privadas de inglês abordadas até aqui e, também, a relevância que o entendimento sobre essas competências exerce no trabalho desse professor, apresento uma resposta multimodal a partir de um infográfico para a pergunta central desta pesquisa. Viso que a escolha por uma entrega multimodal vem ao encontro do que apresento ao longo da pesquisa em relação às definições de língua, já que entendo que línguas estão em constante transformação, e a multimodalidade sugere que a comunicação pode ser efetiva a

partir de vários meios, incluindo os digitais. O conceito de multimodalidade abordado pelo Glossário Ceale que diz que:

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos – a escrita e a oralidade –, visuais – imagens, fotografias –, ou gestuais – apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou afirmativamente, por exemplo (GLOSSÁRIO CEALE, não datado).

Além disso, a escolha por um infográfico se deu pela forma didática com que ele apresenta as informações, tornando o resultado da análise desse trabalho acessível para diversos tipos de públicos. No entanto, o público específico que desejo alcançar com estes resultados é o de professores de inglês que queiram empreender na educação, em específico, com aulas privadas de inglês como LA, para que possam perceber essa como uma possibilidade de atuação e, também, como uma forma de elucidar entendimentos necessários para agir nesta área específica de atuação.

Figura 2 – Infográfico: *Direcionadores para auxiliar profissionais da área de Letras que atuem ou queiram atuar no segmento de aulas privadas de inglês como língua adicional*

DIRECIONADORES PARA AUXILIAR

Profissionais da Área de Letras

que atuem ou queiram atuar no segmento de aulas privadas de inglês como língua adicional

Quando pensamos em formação de professores logo a imagem de uma sala de aula tradicional vem em nossa mente. Muitas vezes não consideramos as diferentes possibilidades de atuação de um profissional de Letras. Uma dessas possibilidades é atuar como professor de aulas privadas de LA. Aqui compilei informações que podem ser úteis para um profissional de Letras que quer atuar com aulas privadas de inglês como LA, em um entendimento ampliado desse fazer profissional. Essas informações surgiram durante a minha pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Inglês em 2021.

Entender que língua não é apenas um código

Inicie a sua reflexão pensando: O que é uma língua para você? O que significa ser professor de LA?

É preciso que o professor empreendedor de aulas privadas de inglês entenda a língua como uma prática social, ou seja, perceba que aprendemos uma língua não apenas por aprender, mas sim para existir e agir no mundo. O professor é o elo entre o aluno e a descoberta desse mundo novo em outra língua. Além disso, é preciso que o professor entenda conceitos de ensino e aprendizagem, portanto, estude sobre práticas de ensino e a partir desse estudo, defina qual abordagem (ou abordagens) irá seguir.





Compreender competências interculturais

Inicie a sua reflexão pensando: Quais habilidades um professor de LA que quer atuar neste segmento de aulas privadas precisa ter? Por que essas habilidades são importantes?

É preciso que o professor empreendedor de aulas privadas de inglês saiba ser adaptável, para se adequar a diferentes contextos de mundo; tenha pensamento crítico, para que possa desenvolver o pensamento crítico em seus alunos; colabore, pois nenhum professor atua no mundo sozinho e entenda que aprender uma língua é aprender sobre interculturalidade, pois é no entendimento de diferentes culturas que nos entendemos como indivíduos que fazem parte mundo.

Dialogar com conhecimentos de gestão

Inicie a sua reflexão pensando: Por que um professor de LA precisaria de conhecimentos de gestão?

É preciso que o professor empreendedor de aulas privadas de inglês desenvolva competências empreendedoras. Competências financeiras, para precificar, cobrar e ter uma visão estratégica do futuro. Competências organizacionais para fechar turmas, estruturar a agenda e planejar lançamentos (de aulas ou produtos). E competências de gestão, para analisar a melhor decisão a ser tomada, afinal, também estamos falando de um negócio.





Abranger habilidades digitais

Inicie a sua reflexão pensando: Como um professor de LA pode ocupar espaços digitais? Por que isso se torna tão relevante hoje?

É preciso que o professor empreendedor de aulas privadas de inglês compreenda o mundo digital. Isso para que possa utilizar ferramentas tecnológicas que tornem suas aulas mais dinâmicas e interativas, contribuindo para a participação efetiva do aluno. Além disso, para que possa se inserir digitalmente nas redes sociais, alcançando novos públicos e consequentemente, novos alunos, aqui, também se relacionando com competências de gestão, mais especificamente, com o marketing digital.

Espalhar a cultura da inovação

Inicie a sua reflexão pensando: Qual é a importância da formação acadêmica para o profissional de Letras?

É preciso que o professor empreendedor de aulas privadas de inglês entenda que é de seu dever contribuir para a evolução da educação, criando novas práticas pedagógicas, se posicionando criticamente e transformando a visão da sociedade sobre o professor. Que também entenda a importância da formação (e formação continuada) do professor, para que os mitos de linguagem deem lugar a mais informações científicas sobre o ensino e aprendizagem de línguas. Além de perceber as diferentes possibilidades de atuação do profissional de Letras.





Perceber sua seara específica de atuação

Inicie a sua reflexão pensando: Como essas habilidades citadas influenciam no trabalho de um professor de aulas privadas de inglês?

Ao se entender como um profissional de uma seara específica, o professor consegue compreender melhor quais habilidades são necessárias para que o seu trabalho seja bem executado. No caso do profissional de Letras que atua com aulas privadas de inglês, ele precisa saber do seu papel como professor, mas para além disso precisa se ver de uma maneira ampliada, para que leve as habilidades de planejamento de aulas e de gerenciamento de turmas desenvolvidas dentro da sala de aula para fora dela, também, ao planejar e gerir o seu negócio.

Fonte: Autoria própria

O infográfico acima é um compilado das competências necessárias para um profissional de Letras que atua com aulas privadas de inglês, mas, além de ser uma entrega criada a partir das minhas hipóteses e descobertas elaboradas nesta pesquisa, o quadro também é uma forma de eu, como *teacherpreneur* de inglês, compartilhar com o mundo as descobertas feitas aqui, através das redes sociais. Certamente, após a caminhada que trilhei com a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, me vejo mais claramente como uma *teacherpreneur*, e o próprio fazer do quadro reflete neste entendimento. Além disso, vejo que as competências mencionadas são necessárias para um fazer pedagógico transformador e que o professor que deseja se ver como parte desse meio precisa estar em constante diálogo com o desenvolvimento dessas competências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre como essa pesquisa se originou e os motivos que me levaram a estudar mais sobre os caminhos que professores de LA percorrem para entender quais são as habilidades a serem consideradas ao empreender na educação, percebo que as perguntas que fiz nas entrevistas também compreendem as dúvidas que me acompanharam (de forma consciente ou inconsciente) em minha trajetória como *teacherpreneur*, e percorrer esse caminho de pesquisa me trouxe possibilidades de novos entendimentos sobre como me vejo como uma professora empreendedora e como esses novos olhares impactam no meu dia a dia.

No capítulo introdutório ressaltai como o entendimento que tenho hoje sobre a função que exerço como professora foi construído aos poucos e que muitas vezes duvidei da minha capacidade como *teacherpreneur*. Esse processo em busca do meu próprio conhecimento como profissional me levou a questionamentos profundos sobre o meu fazer docente ao mesmo tempo em que me fez perguntar como professores que trabalham na mesma seara específica que eu entendiam seus papéis de educadores e se esses entendimentos eram similares aos meus. A partir disso, percebi uma lacuna de pesquisas compartilhadas, já que os saberes desses professores não condizem apenas com saberes educacionais, linguísticos, digitais ou de gestão, mas sim sobre todos esses saberes, em conjunto. Além disso, o entendimento desses conhecimentos se faz importante para que possamos elucidar qual é o nosso papel na sociedade, compreendendo as possibilidades de atuação de um profissional de Letras para além da sala de aula tradicional e reforçando ainda mais o papel essencial da universidade em formar educadores críticos.

Na fundamentação teórica, busquei entender mais sobre conceitos teóricos relacionados com o ensino e aprendizagem de LA, com as competências do século XXI, com os conceitos de *teacherpreneur* e com os saberes digitais. Todas essas discussões me levaram a criar hipóteses sobre quais competências seriam essenciais, a meu ver, para os professores de inglês que empreendem na educação. E, a partir das hipóteses criadas, elaborei dois questionários: um para professores de inglês e um para alunos de inglês com o objetivo de perceber essas hipóteses no cotidiano de mais pessoas além de mim. Para isso, elegi seis professores e dois alunos que responderam a essas perguntas através de uma entrevista em chamada de vídeo.

Com todos os dados gerados, parti para a análise, onde percebi que as ideias levantadas pelos entrevistados dialogavam com conceitos que discuti ao longo do curso de Letras, mas que eu não havia apresentado na fundamentação teórica, pois, por mais que acreditasse que esses conceitos eram importantes, não os via tão explícitos em minhas definições de *teacherpreneur* antes das entrevistas. Entretanto, também pude confirmar suposições que tinha sobre a relação entre a presença digital e a captação de alunos. Outra ideia que foi confirmada a partir das entrevistas foi a do papel importante que o professor de LA exerce ao atuar como desmistificador de conceitos que envolvem língua, entendendo o professor como uma pessoa que constrói conhecimento de maneira conjunta com o seu aluno ao invés de ser aquele que transmite o conhecimento de maneira “fácil e rápida”, como muitas vezes é anunciado ao público.

A partir de todos esses entendimentos, pude concluir que assim como uma pesquisa passa por fases, como as fases da minha pesquisa que listei aqui, o processo de se entender como um profissional de Letras empreendedor nessa seara de aulas privadas de inglês como LA também pode levar tempo e passar por estágios. Ele também nunca chega ao fim, pois a lista de competências a serem desenvolvidas passa por transformações, por isso, a importância da formação continuada e da competência de adaptabilidade. Para além disso, as descobertas obtidas a partir dessa pesquisa podem contribuir para o momento da educação em que vivenciamos agora, já que conversam com habilidades a serem desenvolvidas a partir de um mundo em pandemia e contribuem para a formação de novos educadores.

Espero, a partir desta pesquisa, dialogar com professores e professores em formação que atuem ou desejem atuar com o ensino de LA em contexto de aulas privadas, buscando que as habilidades exploradas aqui auxiliem em seus entendimentos enquanto educadores e que esses entendimentos possam fomentar práticas pedagógicas e empreendedoras mais significativas. Também espero que os direcionadores apresentados na página 61 possam representar o início de conversas e reflexões sobre a temática e que novos projetos possam surgir a partir destes entendimentos.

REFERÊNCIAS

ANDRIGHETTI, G. H. **A elaboração de tarefas de compreensão oral para o ensino de português como língua adicional em níveis iniciais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 49ª ed, 1999.

BERRY, Barnett. **Teacherpreneurs and the Future of Teaching & Learning**. International Journal of Innovation, Carolina do Norte, vol. 1, no. 2, nov, 2013. Disponível em: https://www.teachingquality.org/wp-content/uploads/2018/04/Teacherpreneurs_and_the_future_of_teaching.pdf.

BERRY, Barnett; BYRD, Ann; WIEDE, Alan. **Teacherpreneurs: Innovative Teachers Who Lead But Don't Leave**. [S.l.]: Wiley, 1ª ed, 2013.

BOLL, Júlio. Profissão de professor é chamada de bico em jornal e revolta internautas; entenda. **Gazeta do Povo**, 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/bad-bad-server/profissao-de-professor-e-chamada-de-bico-em-jornal-e-revolta-internautas-entenda/>. Acesso em 6 nov. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Estrangeira**. Brasília: MECSEF, 1998

CARMO, Cintia Tavares do. **Empreendedorismo**. Colatina: Espírito Santo, 2011. Disponível em: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_infor_comun/tec_inf/081112_emp_reend.pdf.

CLARK, H. H. **Using language**. Cambridge University Press, 2003

COUNCIL OF EUROPE. **Common European Framework of Reference for Languages: learning, teaching, assessment**. Cambridge University Press, Strasbourg, 2001. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. 2ª edição, Reino Unido: Cambridge University Press, 2003. Disponível em http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_A_S_Global_Language_-_David_Crystal.pdf. Acesso em 26 nov. 2020.

DEAN, Brian. Instagram Demographic Statistics: how many people use Instagram in 2021? **Backlinko**, 2021. Disponível em: <https://backlinko.com/instagram-users>. Acesso em 6 nov. 2021

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 25^a ed., 1998.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1997

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 12^a ed, 1979.

GLOSSÁRIO CEALE. Multimodalidade. **Glossário Ceale**, [s.d.]. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>. Acesso em 16 out. 2021

GÓMEZ, A. A. **El desarrollo del perfil del teacherpreneur o profesor-emprendedor en el currículum del grado de educación primaria: ¿un concepto de moda o una realidad?** Contextos educativos, p. 177-194, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287973812_El_desarrollo_del_perfil_del_teacherpreneur_o_profesor-emprendedor_en_el_currículum_del_grado_de_Educacion Primaria un concepto de moda o una realidad.

KRAMSCH, Claire. **The cultural component of language teaching.** [S.l.: s.n.], 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232850687_The_Cultural_Component_of_Language_Testing.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras, p. 211-236, 1988. Disponível em http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf. Acesso em 28 nov. 2020.

LEFFA, Vilson J. **O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas: EDUCAT, 2^a ed, 2008.

MASON, Jennifer. **Qualitative Researching.** Londres, SAGE Publications, 2^a ed, 2002.

MEGALE, Antonieta. **Educação Bilíngue no Brasil.** São Paulo: Fundação Santillana, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/40556216/Educa%C3%A7%C3%A3o_Bil%C3%ADngue_no_Brasil.

NÓBREGA, Maria H. **Orientação bibliográfica para conhecer a atuação profissional em letras.** [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Atuac%C3%A7%C3%A3o%20Profissional%20em%20Letras.pdf>.

RAMÍREZ, Carmen King; LAFFORD, Barbara A. **Transferable Skills for the 21st Century: Preparing Students for the Workplace through World Languages for Specific Purposes.** Arizona: Sabio Books LLC, 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Estado da Educação. Referenciais curriculares do estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Porto Alegre: SE/DP, 2009. Disponível em https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf. Acesso em 28 nov. 2020.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. **As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas.** Vol. 6, 2014, p. 307-328. Rio Grande do Norte: HOLOS, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, 2014. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>. Acesso em 26 nov. 2020.

SCHLEMMER, Eliane; MOREIRA, José A. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife.** Revista UFG, v. 20, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343107562_Por_um_novo_conceito_e_paradigma_de_educacao_digital_onlife.

SIQUEIRA, D. S. P. **Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica.** Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, no. 52, p. 231-256, ago-dez, 2015.

SIQUEIRA, D. S. P; BARROS, K. S. **Por um ensino intercultural de inglês como língua franca.** Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, no. 48, p. 5-39, jul-dez, 2013.

SM EDUCAÇÃO. Educação transformadora: saiba como renovar o ensino. **SM Educação**, não datado. Disponível: <https://www.smeducacao.com.br/educacao-transformadora/>. Acesso em 21 nov. 2021

SMITH, L. E. **English as an International Auxiliary Language.** Culture Learning Institute, Havaí, vol. 7, no. 2, p. 38-42, dez, 1976.

TEMÓTEO, Antonia Sueli S. G. **A constituição de letramentos, durante a pandemia: desafios para professores e alunos.** In: KERSCH, D. F. et al (Orgs.). **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola.** São Leopoldo: Casa Leiria, 2021, p. 67-83. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349537695_MULTILETRAMENTOS_NA_PANDEMIA_APRENDIZAGENS_NA_PARA_A_E_ALEM_DA_ESCOLA.

URBAN DICTIONARY. Teacherpreneur. **Urban Dictionary**, 2014. Disponível: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=teacherpreneur>. Acesso em 7 mai. 2021

VALENTE, José Armando. **A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia.** [S.l.: s.n.], p. 26-44, 2018. Disponível em: <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/132759983.pdf>.

WIKIPÉDIA. Internet no Brasil. **Wikipédia: a enciclopédia livre**, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_no_Brasil. Acesso em 30 out. 2021

WOLPERT-GAWRON, Heather. The Era of the Teacherpreneur. **Edutopia**, 2015.
Disponível em: <https://www.edutopia.org/blog/era-of-teacherpreneur-heather-wolpert-gawron>. Acesso em 9 abr. 2021